

Jornal de Letras

Opiniões

Depoimentos

Novos Lançamentos

Entrevista

Literatura Infantil

Número: **271**

Mês: Setembro

Ano: 2021

Preço: R\$ 5,00



ACESSE:

www.jornaldeletras.com.br

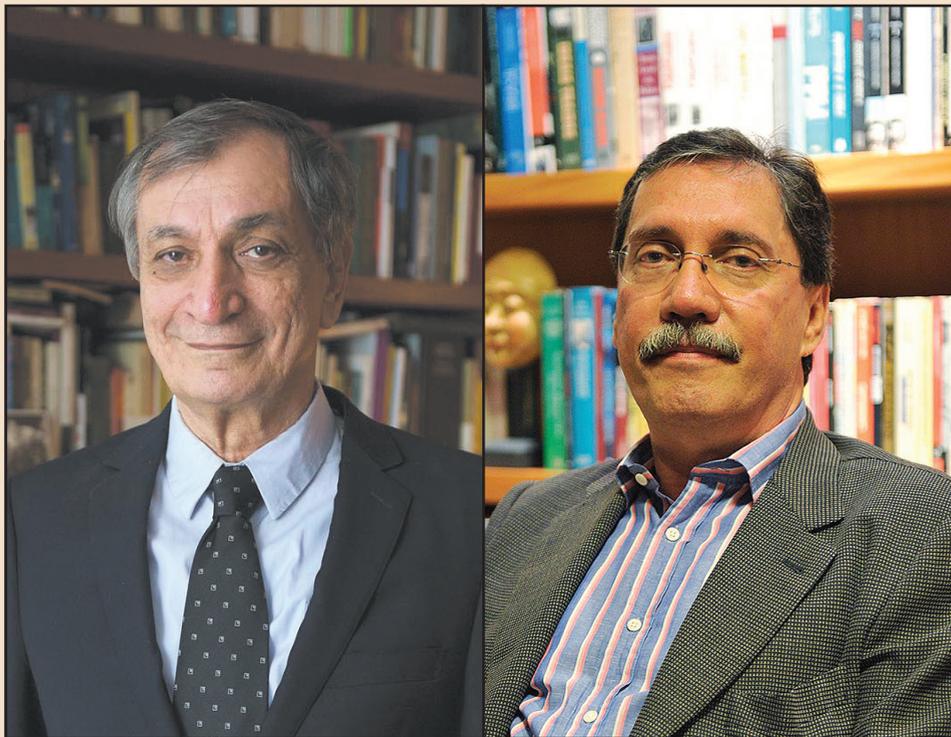
O pioneirismo de Pedro Bloch

Antecipamos homenagem ao Dia das Crianças, no próximo mês, através de uma justa reverência a Pedro Bloch (1914 -2004), um dos maiores foniátrons e dramaturgos da segunda metade do século XX, no Brasil. Bloch manteve uma seção humorística, contando historinhas de criança, nas revistas *Manchete* e *Pais & Filhos*, que depois transformou em livros, com os seus anedotários infantis. (Por Manoela Ferrari – págs. 10 e 11)

J Editorial

Pedro Bloch foi não apenas um dos maiores foniatras brasileiros, como um apreciado autor teatral. A sua peça *Os inimigos não mandam flores* fez sucesso internacional, ao lado de trabalhos igualmente muito bem-sucedidos. Prestamos justa homenagem à sua memória, neste número do **JORNAL DE LETRAS**, em que recordamos igualmente a genial peça *As mãos de Eurídice*, que consagrou a interpretação de Rodolfo Mayer. Outro aspecto da vida de Pedro Bloch foi o seu carinho com relação às crianças. Ele colecionava frases inteligentes na coleção *Criança diz cada uma*, publicada por Bloch Editores. Embora nascido na Ucrânia, o Dr. Pedro Bloch fez sucesso no Brasil, onde até hoje o seu nome é muito bem lembrado.

O Editor.



Dando sequência à antecipação dos cumprimentos pelo aniversário dos acadêmicos, o **JORNAL DE LETRAS** inicia os festejos em torno de Antonio Cícero (aniversariante do dia 06/10) e Merval Pereira (dia 24/10).

J Expediente

Diretor responsável: Arnaldo Niskier

Editadora-adjunta: Beth Almeida

Colaboradora: Manoela Ferrari

Secretária executiva: Andréia N. Ghelman

Redação: R. Visconde de Pirajá Nº 142, sala 1206 – Tel.: (21) 2523.2064 – Ipanema – Rio de Janeiro – CEP: 22.410-002 – e-mail: institutoantares.info@gmail.com

Distribuidores: Distribuidora Dirigida - RJ (21) 2232.5048

Correspondentes: António Valdemar (Lisboa).

Programação Visual: CLS Programação Visual Ltda.

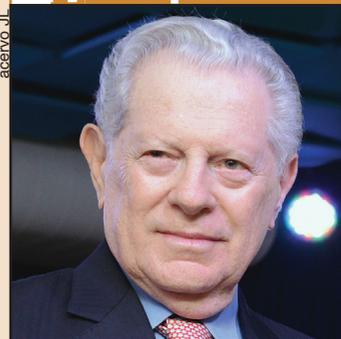
Fotolitos e impressão: Folha Dirigida – Rua do Riachuelo, Nº 114

Versão digital: www.jornaldeletras.com.br

O **JORNAL DE LETRAS** É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DO
INSTITUTO ANTARES DE CULTURA / EDIÇÕES CONSULTOR.

J Opinião

Arnaldo Niskier



Mais um absurdo cultural

Quem lê a história da Cinemateca Brasileira, situada em São Paulo, logo entenderá as causas da sua destruição pelo recente incêndio. É pura desídia. Aliás, como acontece em outras repartições que deveriam ser assistidas pelo governo federal, como ocorreu também com o Museu Histórico, no Rio de Janeiro. Sem recursos de manutenção, o fogo é uma consequência natural.

Agora, as nossas autoridades centrais estão preferindo uma solução mais simples: a venda dos imóveis. Em minha longa carreira, talvez seja a iniciativa mais estapafúrdia de todas: leiloar o Palácio da Cultura, no centro do Rio, onde por muitos anos funcionou o Ministério da Educação e Cultura.

É um prédio histórico, projetado pelo arquiteto franco-suíço Le Corbusier, com a ajuda de profissionais do porte de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa. Só isso seria suficiente para que tivéssemos orgulho do grande edifício, cujos jardins foram elaborados pela genialidade de Roberto Burle Marx. Ele sempre recebe muitas visitas, até de estrangeiros.

Tive a honra de trabalhar lá por dois anos (1987-1988), quando presidi a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, uma espécie de apêndice do Instituto Nacional do Livro. Os atuais dirigentes da cultura brasileira, do alto da sua sólida ignorância, ofereceram o prédio ao Ministério da Economia, para fazer dinheiro, ou seja, vai virar parte do leilão que está sendo engendrado. Não se sabe o destino dos recursos a serem amealhados, mas desconfia-se que terá muito pouco a ver com a cultura. O atual presidente da República fechou o Ministério da Cultura e não se ouve uma só palavra sobre a sua possível volta.

Lembro que, no prédio, há um espaçoso auditório, de muitas realizações. Tive o prazer de fazer algumas palestras naquele local. Agora, será o quê?

O que causa espécie é que decisões assim esdrúxulas são tomadas sem que haja a reação esperada. No caso do Rio, com o fator agravante de que estamos sendo descaradamente esvaziados, depois de sermos considerados a capital cultural do país. Uma pena que isso esteja acontecendo.

“Uma vida sem pensamento é totalmente possível, mas ela fracassa em fazer desabrochar sua própria essência – ela não é apenas sem sentido; ela não é totalmente viva. Homens que não pensam são como sonâmbulos.”

Hannah Arendt

“Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo.”

Paulo Freire

Cuidado: você pode estar matando o português

Por Luiz Octavio Pires Leal*

Calma. Não estou me referindo a nenhum compatriota do Luiz de Camões ou do Saramago. Falo do nosso idioma, mais comumente chamado de língua, que melhor classifica um órgão do sistema digestivo.

UM IDIOMA VIVO

Diferentemente do latim, do grego clássico, do sânscrito e do aramaico, o idioma de Jesus, o português é um idioma que está vivo e, portanto, sujeito a alterações criadas por esse povo todo: 260 milhões de pessoas de nove países, com apenas um dos quais que pode ser classificado como culto: Portugal. Daí o nosso idioma ser classificado – com algum exagero, de o “Cemitério das Ideias”.

Os nove países que falam português: Portugal, Brasil, Angola, Guiné-Bissau, Guiné-Equatorial, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste e Cabo Verde.

O DONO DO IDIOMA

Portugal é o dono do idioma falado e escrito nesses nove países. Comparado com o Brasil – ao menos segundo minha experiência pessoal, morando lá, durante um ano, como correspondente independente de Bloch Editores – no dia a dia, usam um vocabulário muito maior do que nós, brasileiros. Em certos casos, fica difícil entender o que eles estão falando, inclusive (ou inclusivamente, como eles falam) porque não usam radicais importados de outros idiomas, como anglicismos, por exemplo.

Veja se você consegue entender o que a dona Arlete, corretora de imóveis, nos ofereceu para alugar quando chegamos em Portugal, no final da década de 1988, para passar um ano:

“Senhor Doutor Leal – temos um ótimo andar, no Estoril, todo alcatifado, com quatro assoalhadas, uma ótima arrecadação, mas, porém, sem recheio.”

Como, provavelmente, você não entendeu nada, aqui vai a tradução:

Andar = apartamento.

Alcatifado = acarpetado.

Quatro assoalhadas = sala + três quartos.

Arrecadação = depósito fora do apartamento.

Recheio = mobília + equipamentos.

Mas, com o prestígio das novelas brasileiras, eles estão se “abramileirando” aos poucos.

Os portugueses são muito precisos em relação ao uso das palavras. Logo na primeira semana, estacionei o carro num pequeno posto, perto do apartamento. Depois de abastecer, pedi ao único frentista para “olhar” a bateria. Ele olhou e disse: “Está no lugar, sim senhor.” Eu deveria ter solicitado para ele “verificar” a bateria.

UMA PIADA DEFINIDORA

Um casal chegou à noite a Lisboa e alugou um carro com o objetivo de ir para a cidade do Porto. Chovia. O trânsito estava terrível e eles completamente desorientados, até que conseguiram parar ao lado de uma calçada e perguntaram a um senhor, que vinha passando: “Por gentileza, senhor, aquela ponte lá embaixo ‘vai’ para o Porto?”

O senhor, educado e solícito como todos os portugueses, olhou para a direção da ponte e falou: “Meu senhor, se ela vai ou não vai não sei lhe dizer, mas se for, nos fará muita falta.” A pergunta deveria ter sido se ela “conduz”.

A INVOLUÇÃO DO IDIOMA NO BRASIL

É consensual que não somos um povo que privilegia a cultura.

Há quem ache que manter o povo num estado de incultura não é obra do acaso e sim um objetivo da classe política para facilitar a conquista de votos. Um povo culto jamais votaria na maioria dos políticos que, há décadas, vêm enriquecendo e atrasando o desenvolvimento e a felicidade do povo, em que pesem os enormes recursos de que dispomos, desde que possamos transformá-los em riqueza.

Todo mundo concorda que o idioma é uma das principais manifestações de um povo culto e bem-educado.

EDUCAÇÃO E CULTURA: DUAS TRAGÉDIAS BRASILEIRAS

Há décadas, não temos um Ministério da Educação digno do nome e da sua enorme importância.

Os dirigentes que deveriam cuidar da nossa educação e da nossa cultura (que inclui o idioma), por incompetência, preguiça, falta de motivação, interesse, ou por terem outros objetivos, passam o tempo inventando bobagens para dar a impressão de que estão trabalhando.

Mas... e a qualidade das instalações e dos equipamentos? E a merenda escolar? E as facilidades de transporte? E o treinamento dos professores, depois da invenção do Sr. Bill Gates? E o plano de carreira dos professores? E a dignificação do trabalho dos professores?

Será que alguém ainda tem dúvida da importância da educação e da cultura, para a economia, a saúde, a segurança, o índice de desenvolvimento (IDH) e a felicidade de um povo?

Será que alguém desconhece o que aconteceu na Coreia do Sul, que há apenas 15 anos não passava de um pequeno país pobre, carente de matérias-primas, e que, graças a uma importante revolução na educação, é hoje uma nação rica, muito evoluída, com ótimo IDH e exportadora de artigos de alta tecnologia?

Alguém acredita que, se tivéssemos um Ministério da Educação, de verdade, teríamos, por exemplo, 500 faculdades de veterinária – a maioria, verdadeiras “indústrias” – sem condições de produzir um ensino minimamente eficiente?

Será que é do conhecimento geral que essa quantidade absurda e imoral é bastante superior à soma de todas as faculdades de veterinária existentes no mundo?

Mas... e o assassinato do português?

Insisto que o idioma é uma das mais importantes manifestações de um povo e o nosso português vem sendo diária e progressivamente assassinado.

Isso a gente verifica notadamente no idioma falado, nas letras das novas músicas, difundidas massivamente nas rádios, nas TVs e muito nas mídias sociais da internet.

Pretensos artistas, que cantam letras absurdas, idiotas, chulas, sem sentido, e até mesmo imorais, contam com grandes salários e públicos de milhões de pessoas.

Vejam algumas palavras que saíram de moda e foram trocadas por outras:

Liquidação = Sale

Vista (bonita) = Visual

Difícil = Complicado

Apagar = Deletar

Escrever = Digitar

Tensão (nervosa) = Estresse

Matéria (texto) = Conteúdo

Falso = Fake

Falar, dizer = Colocar

Pergunta = Questionamento

Diferente = Diferenciado

Uma prova importante = Robusta

O que não consta na bula = OffLabel

Esses são apenas alguns exemplos colhidos ao acaso. Se essa tendência é boa ou má, o leitor dirá.

*O escritor, médico e jornalista Luiz Octavio Pires Leal é membro da Academia Brasileira de Medicina.

● A ACADEMIA Brasileira de Letras está digitalizando o seu precioso acervo de 124 anos. Trata-se de uns 510 metros lineares de texto e mais de 40 mil documentos audiovisuais e icográficos.

● EM HOMENAGEM ao centenário da Semana de Arte Moderna, será lançado, em outubro, *Semana de 22: Antes do Início e depois do fim* (Ed. Sextante). Com 700 páginas, a obra foi escrita por José de Nicola em coautoria com Lucas de Nicola.

● O LIVRO *Tempestade Perfeita* (Ed. História Real), organizado por Roberto Feith, reúne um time experiente de profissionais da imprensa para analisar o cenário jornalístico atual. Entre os autores, o acadêmico Merval Pereira e o apresentador Pedro Bial.

● MAIS DE 200 entrevistas em muitas viagens resultaram na obra *Ney Matogrosso – A biografia* (Companhia das Letras). O jornalista Julio Maria traça a trajetória do cantor, ao longo de 512 páginas.

● UM DOS MAIORES conhecedores das finanças públicas brasileiras, economista Fabio Giambiagi, lançou *Tudo sobre o Déficit Público* (FGV, 2021).

● A OBRA infantojuvenil *Edith e a Velha Sentada*, do ator e escritor Lázaro Ramos, foi lançada pela Editora Pallas, com ilustrações de Edson Ikê.

● SAIU PUBLICADO pela Biblioteca Azul, selo da Globo Livros, o conto *Serei Sempre teu Abrigo*, do português nascido em Angola Valter Hugo Mãe.

● EM *Sexo no Cotidiano* (Ed. Contexto), a psiquiatra Carmita Abdo, professora da Faculdade de Medicina da USP, aborda a vida sexual sem preconceitos. É seu décimo livro sobre o tema e o primeiro dirigido ao público em geral.

● MISTURANDO o insólito e o fantástico, chegou ao Brasil o novo livro da argentina Samanta Schweblin. *Kentuckis* foi traduzido por Livia Deorsola para a Editora Fósforo.

● INSPIRADA NO livro de Fernanda Torres, a minissérie *Fim* teve as gravações adiadas pela segunda vez. Os trabalhos recomeçam em 2022, na TV Globo.

● NOS 12 ENSAIOS de *As Margens da Ficção* (Ed. 34), o filósofo francês Jacques Rancière acompanha o processo que levou para o centro da literatura acontecimentos corriqueiros e personagens comuns.

● NO LIVRO de estreia, *A Proclamação da Vulgaridade* (Ed. Uruatu), a poeta Mila Teixeira investiga como o cotidiano e o ordinário têm potencial cômico.

● *LUGAR NENHUM – atlas de países que deixaram de existir* (Ed. Rua do Sabão), do norueguês Bjorn Berge, reúne selos de 50 países que já foram apagados do mapa.

ADRIANA FALCÃO vai transformar em filme seu livro *Correnteza* (Ventania Editorial). As protagonistas serão Luísa Arraes, Drica Moraes, Débora Duarte e Arlete Salles.

● A PRODUTORA Pródigo Filmes comprou os direitos do livro *Prisioneiras*, de Drauzio Varella, que será veiculado em plataformas de streaming.

● ORIGINALMENTE lançado nos Estados Unidos, nos anos 1980, o romance *O Gambito da Rainha*, de Walter Tevis, ganhou sua primeira edição no Brasil (Editora Arqueiro), depois de ter inspirado a série homônima que quebrou recordes de audiência no país.

● CRISTIANE WERSOM trabalha em novo projeto para o cinema. Ela escreve, em parceria com Ricky Hiraoka, o longa *Um Dia Cinco Estrelas*, sobre um rapaz que passa um dia como motorista de aplicativo. A distribuição será pela Paris Filmes.

● ESPECIALISTA EM ética e teologia, a sueca Ann Herbelein lançou *Arendt: Entre o amor e o mal* (Companhia das Letras), onde esmiuça a vida e a obra da autora de *Origens do Totalitarismo*.

● SOB O PSEUDÔNIMO de Robert Galbraith, chegou ao país mais um sucesso da inglesa J. K. Rowling, criadora de Harry Potter: *Sangue Revolto* foi traduzido por Ryta Vinagre para a Editora Rocco.

● EM *A História do Senhor Sommer*, Patrick Sussekind, autor do best-seller *O Perfume*, narra com bom humor histórias de um jovem no interior da Alemanha, após a Segunda

“OPINIÃO É O MEIO ENTRE CONHECIMENTO E IGNORÂNCIA.”

Platão, *República*



Guerra. As belas ilustrações do consagrado Sempé são uma atração à parte na caprichada edição da Editora 34.

● O ASTRÔNOMO israelense Avi Loeb tenta derrubar conceitos que nos impedem de acreditar que não somos os únicos habitantes do Universo, em *Extraterrestre*, lançado pela Editora Intrínseca, com tradução de Livia de Almeida.

● FERNANDO CALDERÓN e Manuel Castells, dois dos principais sociólogos da atualidade, lançaram *A Nova América Latina* (Ed. Zahar), traçando um painel amplo da região.

● O PRIMEIRO volume da coleção de luxo *Biblioteca Galman* (Intrínseca), de Neil Galman, em capa dura, reúne cinco histórias de um dos autores mais celebrados do mundo dos quadrinhos.

● GENI GUIMARÃES, que conquistou um Prêmio Jabuti, em 1989, com um livro de contos, lançou a coletânea de poemas *Balé das Emoções* (Editora Malê).

● TRATANDO DE escritores e personagens com problemas de visão, Denise Schittine lançou *Seis Ensaios sobre a Cegueira* (Ed. Appris).

● COM TRADUÇÃO de Douglas Pompeu, a Ed. Papéis Selvagens lançou *Passeios Com Robert Walser*, de Carl Seeling. Walser (1878–1956) foi considerado pela crítica suíça como “precursor de Kafka”.

● CHEGOU AS livrarias, com tradução de Sergio Milliet para a Ed. Record, a coleção de ensaios *Bodas de Tipasa*, um dos primeiros trabalhos do escritor franco-argelino Albert Camus, escritos na juventude.

● A ESTREITA relação entre pessoas e cachorros é a abordagem principal da obra *O Manifesto das Espécies Companheiras*, da filósofa Donna Haraway, traduzida por Pê Moreira para a Ed. Bazar do Tempo.

● EM *O Lugar e Os Anos*, romances lançados pela Editora Fósforo, com tradução de Marília Garcia, a premiada escritora francesa Annie Ernaux repassa suas memórias e a história social do seu país.

● EM EDIÇÃO caprichada, de capa dura, *Contos de Fadas e Histórias Clássicas* (Ed. Oficina Raquel) traz imagens selecionadas entre os muitos livros de Rui de Oliveira, um dos maiores nomes da literatura infantojuvenil brasileira.

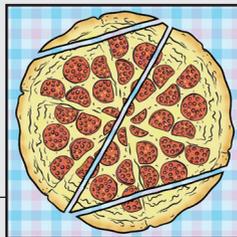
Na ponta da Língua

Por Arnaldo Niskier – Ilustrações de Zé Roberto

Acabou em pizza

“Maria Fernanda disse que não comeria a pizza calabresa de jeito algum.”

Esse prato nem existe no cardápio! A grafia correta é calabresa, com **s**. Frase correta: “Maria Fernanda disse que não comeria a pizza **calabresa** de jeito algum.”



Pizza

“Luciana pediu uma pizza grande de mussarela.”

Essa pizza esfriou...

Muçarela vem do italiano muzzarela. Ao ser aportuguesada, os dois **zz** passam a ser **ç**, logo, muçarela.

Frase correta: “Luciana pediu uma pizza grande de **muçarela**.”

“Vimos à sua presença” ou “Viemos à sua presença”?

Vimos é presente do verbo vir, enquanto **viemos** é passado do mesmo verbo.

Exemplos: “**Vimos** agora, nesta oportunidade, para manifestar nosso apoio”,

“**Viemos** ontem, porque a audiência começa muito cedo”.

Vimos também é o passado do verbo **ver**.

Veja: Eu **vi** / tu **viste** / ele **viu** / nós **vimos** / vós **vistes** / eles **viram**.

Pagamento cancelado

“Isac não aceitou o pagamento do quimono em xeque.”

Nem poderia!

Veja: xeque (risco) e cheque (documento bancário) são palavras homônimas homófonas e heterógrafas, ou seja, têm som igual e grafia diferente.

Frase correta: “Isac não aceitou o pagamento do quimono em cheque.”

Motinho

“Jade queria uma miniatura da moto de seu pai, ela queria a motinha.”

Não vai ganhar! O diminutivo de **moto** é **motinho**. Frase correta:

“Jade queria uma miniatura da moto de seu pai, ela queria a **motinho**.”

O sentido da cordialidade

Por Jorge Fernando dos Santos*

No Brasil é assim: entra governo, sai governo, e tudo acaba como antes. Nas eleições, o candidato promete honestidade e eficiência. Compromete-se em acabar com a corrupção e as desigualdades sociais, mas o tempo passa e nada acontece. Pior, tudo acontece ao contrário. O eleito, se não era corrupto, acaba se corrompendo para se enquadrar no sistema.

No clássico *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarque de Holanda analisa a formação do nosso povo e conclui que a inexistência de limites entre o público e o privado é a principal raiz dos problemas nacionais. Segundo ele, por aqui as relações são baseadas na cordialidade. Isto é, são definidas no campo das emoções e dos interesses pessoais, não no plano racional e do coletivo. Por isso somos o país do jeitinho, do amigo do rei, do fisiologismo e da prevaricação.

Temos a Constituição Federal mais extensa do mundo, mas nossas leis têm vários pesos e muitas medidas. Isso explica por que o rico comprovadamente criminoso raramente fica na cadeia, enquanto o pobre mofa atrás das grades pela simples suspeita de ter roubado um pacote de arroz. Afinal, a Justiça custa caro e os doutores da lei, em sua maioria, são filhos de uma elite habituada ao compadrio, ao toma-lá-dá-cá e à troca de favores.

OLIGARQUIAS DO ATRASO

A cordialidade em questão esconde as desigualdades e injustiças que geralmente estimulam práticas nada republicanas. Quanto maior a burocracia e o controle do Estado, maior é o valor da propina e o desejo de ter uma sinecura. Buarque propõe um exercício de imaginação: até que ponto um governo liberal, comunista ou mesmo fascista conseguiria mudar isso? Alguns modelos já foram tentados, mas, no final das contas, quase nada mudou.

Ao “descobrir” o Brasil, Portugal não tinha nenhum projeto, a não ser

Reverenciando

Expressões de reverência e suas aplicações:

Vossa Senhoria, Sua Senhoria (V.S^a, S.S^a) – funcionários públicos graduados oficiais até coronel, pessoas de cerimônia.

Vossa Eminência, Sua Eminência (V.Em^a, S.Eminência) – Cardeais.

Vossa Alteza, Sua Alteza (V.A., S.A.) – Príncipes, arquidukes, duques.

Vossa Majestade, Sua Majestade (V.M., S.M.) – Reis, imperadores.

Vossa Excelência, Sua Excelência (V. Ex^a, S. Ex^a) – Altas autoridades do governo e classes armadas.

Vossa Paternidade, Sua Paternidade Abade (V.P., S.P.) – Superiores de convento.

Vossa Magnificência, Sua Magnificência (V. Mag^a, S. Mag^a) – Reitores de universidades.

Vossa Excelência Reverendíssima (V.Ex^a Revm^a, S. Ex^a Revm^a) – Bispos e arcebispos.

Vossa Reverendíssima (V. Revm^a) – Sacerdotes em geral.

Vossa Santidade, Sua Santidade (V.S., S.S.) – Papas.



Penteado

“Eu penteio meu cabelo de lado, proclamou Adriana, para espanto da irmã.”

Vai ficar descabelada.

A conjugação do verbo pentear no presente do indicativo é: eu penteio/tu penteias/ele penteia/nós penteamos/vós penteais/eles penteiam.

Frase correta: “Eu **penteio** meu cabelo de lado, proclamou Adriana, para espanto da irmã.”

Não chegou bem!

“Adriana chegou em Barcelona e adorou o clima da cidade.”

Não deve ter chegado bem.

Os verbos chegar/ ir devem ser introduzidos pela preposição “**a**” e não pela preposição “**em**”.

Ex.: “Vou **ao** dentista hoje”, “Cheguei **a** Madri”.

Frase correta: “Adriana chegou a Barcelona e adorou o clima da cidade.”

Show Caro

“Gabriel disse que não daria nenhum centavo a mais no ingresso do show.”

Nem poderia, escrevendo dessa forma.

Nenhum opõe-se a **algum** (pronome indefinido) e está empregado de forma indevida.

O correto é **nem um**, que se opõe a **um, dois** (numerais). Frase correta: “Gabriel disse que não daria **nem um** centavo a mais no ingresso do show.”

a mera exploração de nossas riquezas. Séculos depois, a República seria um golpe de Estado perpetrado pelas oligarquias insatisfeitas com Dom Pedro II. Em 1930, Washington Luís cairia justamente por desagradar a essas mesmas forças. Getúlio Vargas, que comandou a Revolução contra ele, suicidou-se anos depois igualmente pressionado. Seu herdeiro político, Juscelino Kubitschek, modernizou o país e foi cassado pelo regime militar, cujo primeiro presidente ajudou a eleger.

João Goulart, ainda que despreparado para o cargo que herdou de Jânio Quadros, tentou fazer as grandes reformas e acabou sendo deposto. O governo militar, por sua vez, desenvolveu a economia, mas não dividiu os lucros. A urbanização acelerada do país agravou os problemas sociais. A Nova República caiu nas mãos do filhote da ditadura, José Sarney, cujo governo consolidou o Centrão e fracassou na luta contra a inflação galopante.

O VÍCIO DO CACHIMBO

Fernando Collor de Mello foi eleito pelo voto direto com uma agenda liberal, mas confiscou a popança do povo em nome do Estado. Envolvido em corrupção, renunciou ao cargo às vésperas de sofrer o impeachment. Seu vice, Itamar Franco, instituiu o Plano Real num curto período de governo e talvez por isso não tenha tido tempo de se corromper ou ser perseguido.

Dentre todos os presidentes que tivemos, Fernando Henrique Cardoso foi talvez o que teve melhores condições para mudar o sistema. Sociólogo brilhante, conhecia nossas mazelas como ninguém, mas se rendeu ao neoliberalismo e comprou o segundo mandato presidencial.

Para chegar ao poder com as bênçãos da elite econômica, Lula da Silva assinou uma carta revisionando os princípios do seu partido. Elegeu-se como reformista, mas adotou políticas neoliberais, que serviram para ocultar os maiores esquemas de corrupção da História nacional. Enquanto isso, os lucros bancários atingiam patamares jamais alcançados no país.

Em todos esses momentos, assim como no governo e no impeachment de Dilma Rousseff, lá estavam os parlamentares do Centrão, que se associam aos presidentes para lucrar e adiar as grandes mudanças. Hoje, estão com o genocida Jair Bolsonaro, mas certamente saltarão do barco tão logo ele comece a afundar. Como diz o ditado, o vício do cachimbo deixa a boca torta. Enquanto não sanarmos os vícios da República será muito difícil desentortar o país.

*Jorge Fernando dos Santos é jornalista, escritor e compositor, tem 46 livros publicados. Entre eles, *Palmeira Seca* (Prêmio Guimarães Rosa, 1989).

**JOSÉ AUGUSTO MINARELLI**

A inspiração da educação

Arnaldo Niskier: Sei que você tem uma formação em Educação pela USP. A sua vida começou na cidade paulista de Jaú. Conte um pouco sobre esse começo e como você chegou depois ao CIEE.

José Augusto Minarelli: Em Jaú, cresci numa família de classe média baixa e me defrontei com um problema de educação, que é a escolha vocacional, muito cedo. Não sabia exatamente para onde ir, sabia o que não queria e não sabia o que havia de disponibilidade, não queria ser mecânico, não queria ser contador. Uma vizinha, que era professora, recomendou que examinasse o Curso Normal, que era o nome da época do Curso de Formação de Professores para ensino de primeiro grau. Procurei uma escola pública muito conceituada na cidade, Instituto de Educação Caetano Lourenço de Camargo, me inscrevi, passei e fiz o Curso Normal, me encontrei. Foi por inspiração da orientadora educacional Dra. Gladys Piragi que me interessei mais ainda por educação e mais ainda por orientação de alunos, pessoas. Entrei na USP, fiz o curso de pedagogia, me pós-graduei em orientação educacional. Então, sou um educador que acabou tendo a sorte de descobrir um caminho que me deixa muito feliz e construiu toda minha carreira. Chegando em São Paulo, precisava estudar e trabalhar ao mesmo tempo, porque minha família não podia manter-me. De dia, fui trabalhar num banco e, de noite, ia para a Universidade de São Paulo na recém-construída Cidade Universitária. Uma verdadeira aventura, enfrentava a escuridão dos campos de obra e lá tive a chance de ter excelentes professores e lá fora trabalhando. Saí de um banco, fui para uma indústria, de uma indústria para o Centro de Integração Empresa-Escola, onde entrei como auxiliar fazendo entrevistas e encaminhamento de estudantes para os Estados.

Arnaldo Niskier: Tenho curiosidade em saber como chegou o gosto pelo ato de escrever livros. Você tem livros muito bem-sucedidos, como aquele chamado *Empregabilidade*. Como é que você chegou a isso?

José Augusto Minarelli: Foi na escola com um professor de português, oriundo de outra cidade, um ótimo professor. Primeiro ele me ajudou a perder o /R/ (“carne verde”), típico de caipira. Ele sempre nos ajudava, estimulava, ironizava esse sotaque e, depois, com estímulo contínuo para a leitura e para a escrita. Fui bom aluno de português, tomei gosto pela escrita e tomei gosto por ensinar e uma forma de ensinar é ao vivo e a outra, a distância. Nesse sentido, quando comecei a empresa Lens&Minarelli, que se dedica a apoiar executivos a continuação da carreira após uma demissão, senti que precisava escrever os livros que continham a metodologia e exemplos que fui colhendo e aprendendo com meus clientes. O primeiro livro foi *Empregabilidade*, que é a condição de ser contratado e enfrentar as transições de vida e carreira. Esse livro foi muito bem-sucedido, é vendido até hoje na versão e-book e teve 30 tiragens, é uma edição expressiva. Depois, escrevi um livro sobre trabalhar por conta própria, uma opção que pode dar certo. Escrevi outro livro com o título *Venda seu Peixe* para ensinar as pessoas que é necessário vender o seu serviço. Escrevi também *Networking*, na versão comum e na versão de bolso, para ensinar o valor do cultivo dos relacionamentos para você tê-los à disposição quando precisar resolver qualquer assunto da sua vida ou da sua carreira. Escrevi *Carreira Sustentável*, e também um livro que acho muito importante, com uma contribuição genuína, que é *Inteligência Mercadológica*.

Arnaldo Niskier: Daí a força que você tem dado ao nosso amigo Casagrande para a produção de livros na UNICIEE. Você tem prestigiado muito a UNICIEE, que é a chamada Universidade do CIEE, e os livros que têm saído são muito bons. Agora mesmo acaba de sair um, você falou em marketing, sobre a amplitude do marketing. Veja só como isso é oportuno neste momento em que o conhecimento está posto em embaços por causa da Covid. O que representou a Covid na atuação do CIEE? Atrapalhou muito?

José Augusto Minarelli: A Covid atrapalhou o mundo inteiro, mas, junto aos problemas que a Covid trouxe, vieram os desafios para que revissemos estruturas, serviços, maneiras de ser. No caso do CIEE, o grande benefício foi acelerar algo que já vinha sendo gestado, que era a transformação digital de toda a

operação do CIEE. A transformação hoje é absolutamente necessária para aprendermos mais, melhor, mais rápido. São milhares de estudantes que depositam em nós a esperança do ingresso no mercado de trabalho, pela via do estágio e do programa de aprendiz legal.

Arnaldo Niskier: Você fala milhares. São quantos milhares aproximadamente?

José Augusto Minarelli: Na nossa fila aqui de São Paulo, temos mais de 2 milhões de pretendentes e 400 mil que estão na atividade. Há muita gente precisando do CIEE, temos feito um esforço muito grande e a Covid nos obrigou a rever nosso procedimento, a tecnologia que usamos. Fizemos um investimento grande, nos últimos anos, que foi acelerado pela Covid, e hoje temos uma estrutura tecnológica que nos permite atender muito mais estudantes. Estamos ainda trabalhando em casa, home office, e por incrível que pareça, sob a liderança do Casagrande, a operação não piorou, pelo contrário, melhorou, porque toda a equipe se dedicou, entendeu o momento, se adaptou e fez o melhor que podia.

Arnaldo Niskier: Isso está acontecendo no Brasil inteiro?

José Augusto Minarelli: No Brasil inteiro, em todos os CIEEs independentes e o de São Paulo. Esse movimento de inovação mantendo a tradição, que é importante, mas cuidando da inovação tem produzido, vai produzir resultados muito melhores para o desenvolvimento dos jovens nesse período de transição entre a educação e o fazer, a ocupação. Nesse sentido, a tecnologia nos permitiu outra forma de atender às pessoas e ir mais longe com a UNICIEE, que começou como uma universidade corporativa para desenvolver os próprios funcionários. Mas essa estrutura, a equipe técnica da universidade corporativa foi desafiada para dar suporte a um objetivo maior de expandir a educação, a informação. A UNICIEE, hoje, tem programas abertos para estudantes, para pessoas com empresa como uma forma de oferecer mais oportunidades, fruto da qualificação, da informação, da melhoria do desempenho e da atualização diante de um mundo que se transforma.

Arnaldo Niskier: Dentro desse escopo, a palavra empreendedorismo ganhou uma força muito grande. Outro dia, conversava com o Marcelo Galo, que é uma figura importante, um quadro importante do CIEE brasileiro, particularmente de São Paulo, e ele também é muito fã das ações que se desenvolvem em relação ao empreendedorismo. O que você acha disso?

José Augusto Minarelli: Há muitos anos, como missionário, venho falando em empreendedorismo e falo de forma bem didática como professor que sou para convencer e angariar mais súditos, mais adeptos para essa empresa. O fundamento é o seguinte: todos nós precisamos trabalhar e ganhar dinheiro e o trabalho vem do problema dos outros. Quando temos uma mentalidade mercadológica e entende que quanto mais problema tiver, mais oportunidades de trabalho vão existir para quem tiver um olhar diferente, uma fala diferente, um comportamento diferente, ou seja, um comportamento de empreendedor, daquele que não precisa de chefe, não precisa de ordem para fazer, mais gente vai ter trabalho e remuneração. Nas transformações que estamos vivendo no mundo, estamos e vamos continuar assistindo a uma redução dos empregos formais, não extinção, como muitas pessoas dizem. O mundo sempre terá emprego, mas não terá emprego para todos os pretendentes, mas problemas não faltarão. Aquelas pessoas que desenvolverem a capacidade de empreender, de identificar necessidades, de desenvolver serviços ou produtos, de vendê-los, e aí tem um aspecto importante que tem sido uma bandeira minha, que é ensinar a vender, estaremos dando oportunidade às pessoas de ter trabalho e remuneração, que é o que precisa. As pessoas não precisam de um emprego e do salário. Precisam do trabalho, da oportunidade de trabalhar e da merecida recompensa financeira, isso se chama salário, mas pode ter outro nome. Enfatizei, dentro da bandeira do empreendedorismo (o CIEE agarrou, está levando a sério), que essa é uma forma de dar oportunidade para as pessoas que não terão um emprego formal, infelizmente. O emprego formal, claro, é mais confortável, porque tem estrutura, um chefe, alguém que vende o serviço. Mas a pessoa que aprende a empreender – e nesse sentido o CIEE vai ajudar muito – adquire autonomia, porque sabe

gerar trabalho e ganho. Tem um aspecto que tenho me dedicado muito que é ajudar as pessoas a entenderem o ato de venda de uma forma diferente, porque fomos educados para ter vergonha de vender, ter vergonha de dar preço, mas, na verdade, todos nós somos e precisamos ser vendedores, e ser vendedor não é feio, desde que você faça de forma correta.

Arnaldo Niskier: Por que os milhares de aprendizes e estagiários do CIEE estudam de graça? Eles têm a gratuidade como uma norma. O que você acha disso?

José Augusto Minarelli: O CIEE é uma organização de assistência social criada e mantida pelo mundo privado, entidade do mundo organizacional, mantida por empresas e pelos serviços que presta. As pessoas pensam que o CIEE é do governo, que vive de doação. Não vive de doação nenhuma. Vive do dinheiro que arrecada com serviços prestados para as empresas, portanto é uma grande organização de assistência social que trabalha como uma empresa privada mantendo (como você bem sabe, porque é membro da governança corporativa) os melhores padrões de gestão do mundo privado. O governo, as empresas privadas, as organizações são clientes, pagam pelos serviços que oferecemos gratuitamente aos jovens. Os jovens que atendemos são os menos favorecidos, da periferia, das várias categorias menos favorecida da população e eles precisam de oportunidades, porque não nasceram em berço de ouro, não estudaram nas melhores escolas.

Arnaldo Niskier: Principalmente ao fato de que essas oportunidades constituem o primeiro emprego da vida dessa gente. Olha como isso socialmente é importante.

José Augusto Minarelli: O Brasil tem uma riqueza enorme, que é sua juventude. O CIEE está todo ligado ao que nosso presidente Casagrande fala: “Toda nossa ação é dirigida a jovens, porque jovem é talento, é vir a ser, é moldável, é gente que está sedenta por oportunidades.” Então, os programas do CIEE são a primeira oportunidade, pé no mundo do trabalho, a transição segura da escola para a vida, da teoria para a prática e o início de uma carreira. Quando você dá oportunidade para quem tem necessidade, essa pessoa se dedica de corpo e alma a estudar, a fazer, a crescer. Temos histórias maravilhosas que advêm de pessoas que se tornaram importantes, porque tiveram a primeira oportunidade gerada pelo CIEE.

Arnaldo Niskier: Ouvimos isso e, evidentemente, ficamos orgulhosos. Acaba de ser lançado pelo CIEE, iniciativa do Humberto Casagrande, com nosso apoio, um livro chamado *A Amplitude do Marketing*. Como autor, como intelectual, como líder desse movimento, o que você acha da aplicação dos conceitos de marketing em todo esse processo?

José Augusto Minarelli: Marketing deveria fazer parte do pensamento, da formação e da ação de todo profissional. Tudo que fazemos é para os outros e dessa interação é que as oportunidades para os profissionais são geradas. A pessoa que tem o raciocínio mercadológico (o que explico com detalhes no meu livro *Inteligência Mercadológica*) tem um jeito diferente de olhar, de ouvir, de falar, de interagir. Todos nós somos prestadores de serviços para os outros e os outros precisam saber que existimos, o que fazemos, o benefício adquirido, quanto custa, onde estamos, para poder nos contratar. Precisamos uns dos outros e, nesse sentido, todos os componentes do marketing, a partir da mentalidade e dos procedimentos ligados à comunicação, que exige marketing impessoal, comunicação intencional, venda, interação com clientes, são fundamentais para se ter sucesso na carreira, para termos trabalho, remuneração, oportunidades, criar empreendimentos geradores de empregos e criar, pelo exemplo, outros empreendimentos de gente jovem. Então, esse livro nasce em boa hora e está alinhado com esse trabalho de suporte ao empreendedorismo para oferecer aos jovens que não vão encontrar um emprego convencional uma ampla avenida que não tem fim. Sou fã inveterado do empreendedorismo, porque problemas nunca vão acabar e são os problemas que geram oportunidades de prestar serviços ou de construir bens, mas para isso tem que ter a mentalidade mercadológica.

Arnaldo Niskier: Como educador, formado pela USP, como vê o ensino híbrido que hoje está em curso por causa da Covid?

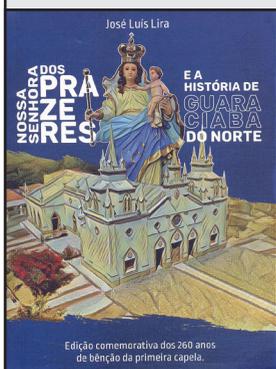
José Augusto Minarelli: Vejo com bons olhos e essa também é uma contribuição da Covid, porque o ensino híbrido não é novo. Há muitas iniciativas antigas, há iniciativas no exterior, algumas até com o nome meio curioso. Quando eu era funcionário, gostávamos de encaminhar estudantes para organizações com o ensino sanduíche, tinha teoria e prática, teoria e prática, teoria e prática. Um pouco na escola, um pouco dentro da indústria, no caso. A Covid trouxe essa necessidade de ir para casa e de as pessoas aprenderem que podemos aprender e executar o trabalho em qualquer lugar, desde que tenha os recursos tecnológicos e saiba usá-los. Estamos gravando este programa aqui graças aos recursos tecnológicos que, hoje, são acessíveis e permitem nos comunicarmos, nos encontrarmos, nos relacionarmos. Agora, há um período de aprendizado. Este ano, não só na medicina, na educação, na gestão de empresas, todos nós fomos pegos de surpresa e estamos aprendendo ainda os novos procedimentos. Na medicina, por exemplo, infelizmente, os primeiros doentes foram cobaias, foram tratados por médicos que não sabiam como enfrentar. Tentaram, agora aprenderam.

Arnaldo Niskier: Felizmente começa, agora, a ser dominada.

J Livros e Autores

por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com



Nossa Senhora dos Prazeres

A robusta obra *Nossa Senhora dos Prazeres e a História de Guaraciaba do Norte* (Fortaleza, 2021) apresenta o resultado inspirado da devoção de José Luis Lira por suas raízes católicas.

Reunindo requintada pesquisa e rigorosa apuração, somadas a imagens e fotos históricas, a edição comemorativa dos 260 anos de bênção da primeira capela da cidade é apresentada ao longo de quase 350 páginas, num trabalho de fôlego e dedicação ímpares.

A narrativa é guiada pela vocação mariana de Lira, sem jamais perder qualquer dado histórico ou informação de caráter civil pertinentes ao contexto, resultando numa fonte sem

precedentes da memória religiosa e histórica de Guaraciaba do Norte. Na orelha, as palavras do Cardeal Orani João Tempesta, arcebispo do Rio de Janeiro, enaltecem a piedade mariana de Lira, destacando o empenho do autor na elaboração de um verdadeiro legado ao povo de Guaraciaba do Norte. Na contracapa, os cumprimentos, em formato digital, do papa Francisco, enviados pela Secretaria de Estado de Sua Santidade.

O advogado, jornalista e escritor José Luis Lira nasceu no sítio Correios, em Guaraciaba do Norte (Ceará), no dia 17 de dezembro de 1973. Mestre e doutor em Direito pela Universidade Nacional de Lomas de Zamora (Argentina), pós-doutor em Direito pela Universidade de Messina (Itália), fundou a Academia Brasileira de Hagiologia e a Academia Cearense de Cultura, entre outras. É autor de 26 livros.

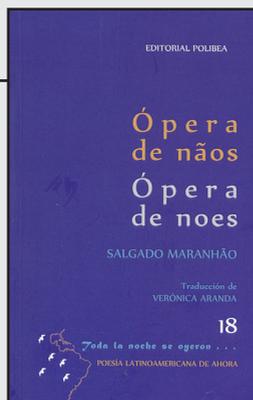
O Coração da Medusa

O *Coração da Medusa* (Reserva Natural Reluz, 2021) é o primeiro livro de poesia de Renata Bomfim, ex-presidente da Academia Feminina Espírito-santense de Letras. Descrito como “um livro mágico” pelo poeta e crítico literário nicaraguense Francisco de Asís Fernández Arellano e como um “caminho de transformação para o leitor”, pelo poeta português José Luis Peixoto, a obra bilíngue possui 158 páginas. Organizada em três capítulos – Canto Iniciático, Queda e Ascensão – o livro conta ainda com um conjunto de poemas intitulados “outros poemas”. O itinerário de leitura constrói uma jornada que vai do sublime ao profano, dando voz a mitos transgressores e rompendo com o silêncio que ronda variados temas femininos. Poeta e ensaísta, a capixaba Renata Bomfim, nascida em 1972, é Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Ambientalista com forte atuação na defesa da Mata Atlântica, em 2007, criou a Reserva Natural Reluz, onde realiza trabalhos de preservação e educação ambiental. Ganhadora da Medalha de Mérito de Defesa do Meio Ambiente “Roberto Anselmo Kautsky” e da Medalha de Mérito Cultural Renata Pacheco. Representou o Brasil em Festivais de poesia na América Latina. Publicou os livros *Mina* (2010), *Arcano Dezenove* (2012) e *Colóquio das Árvores* (2015), entre outros. Autora da Revista literária *Letra e Fel*, on-line desde 2007.



Ópera de Nãos

Lançada pela Editorial Polibea para a América Latina, a obra *Ópera de Nãos* (2020), do consagrado poeta Salgado Maranhão, tem tradução de Verónica Aranda e prólogo do professor Charles Perrone, da Universidade da Flórida. Os versos originais e expressivos do autor prendem a atenção do início ao fim. Esbanjando perspicácia e criatividade, Maranhão possui um trabalho de linguagem muito pessoal. Para Perrone, a linha central do livro provoca interrogações: “Continuando a leitura até o final do livro, mais um par de perguntas nascem do título: se esta é uma ópera, mesmo figurada, qual a trama? Completa-se um perfil lírico-épico-dramático? Ou terá simplesmente um enredo além-convenção naturalmente amorfo? E, ao mesmo tempo, um bis: o que – na matéria, no corpo, na alma, ou até na moral – é alvo de negação? Esse não plural não acabará sendo, afinal, no prazeroso espírito paradoxal dessa performance paginada que se chama poesia moderna, uma multifacetada afirmação?” José Salgado Santos, pseudônimo Salgado Maranhão, nasceu em Caxias, no Maranhão, em 13 de novembro de 1953. Participou do movimento de poesia marginal que vigorou nos centros urbanos do país, nos anos 1970. Seus primeiros poemas em livro foram publicados na antologia poética *Ebulição da escrituração: treze poetas impossíveis*, editada pela Civilização Brasileira. Em 1998, recebeu o Prêmio Ribeiro Couto da União Brasileira dos Escritores. Neste mesmo ano, publicou *Mural de Ventos*, que foi agraciado, em 1999, com o Prêmio Jabuti.



A Ópera dos Ausentes

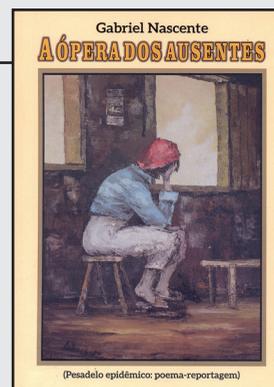
A *Ópera dos Ausentes* (2021), com 687 páginas, é o mais recente livro-poema do autor goiano Gabriel Nascente.

Concebido durante a quarentena da Covid-19, trata-se de “um testemunho vivo e traumático de uma das mais horripilantes tragédias epidemiológicas, que assombrou a humanidade desses últimos tempos, no planeta”. “Despedacei a minha alma para escrever este livro”, afirma Nascente.

O poeta, membro da Academia Goiana de Letras, completa 56 anos de poesia produzindo versos e arrancando dos escombros do sofrimento humano sua fonte de inspiração. Ao longo de sua trajetória poética, acumulou em sua bibliografia a soma de quase 70 livros publicados, entre os vários gêneros literários, com ênfase na poesia.

É detentor dos maiores prêmios do Brasil, dentre eles, o da Academia Brasileira de Letras e o “Cruz e Sousa de Literatura”, de Santa Catarina, além de ser finalista (2º lugar) do Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, de São Paulo.

Atualmente, aos 71 anos, Nascente é âncora de eventos culturais do Tribunal de Justiça do Estado de Goiás, onde protagonizou a criação da Pinacoteca Des. Camargo Neto e do Espaço Cultural Goianeira do Couto. Todos os seus livros de poesia foram reeditados, em quatro volumes, sob o título geral de *A Galáxia dos Dias*.



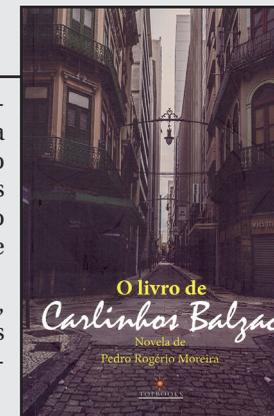
Carlinhos Balzac

O livro de *Carlinhos Balzac* (Topbooks, 2021), novela bem-humorada com muitos personagens da vida real carioca, é a terceira obra de ficção do jornalista e escritor mineiro Pedro Rogério Moreira, conhecido por seus livros de memórias – jornalísticas, literárias e políticas – e autor do aplaudido “Bela Noite para Voar: Um folhetim estrelado por J. K.”, que virou filme de Zelito Viana.

O livro busca o memorialismo como matéria-prima, mas, segundo consta na orelha da obra, “pode conter elementos autobiográficos, pois o autor viveu intensamente na imprensa carioca, no período da ação novelesca”.

Nascido em Belo Horizonte em 16 de dezembro de 1946, Pedro Rogério Couto Moreira sucedeu o pai, o presidente perpétuo da Academia Vivaldi Moreira, na cadeira 38 daquela instituição, em 2001. Trabalhou nos jornais *Última Hora*, de São Paulo; *A Notícia* e *O Globo*, do Rio de Janeiro. Em Brasília, atuou na TV Globo, na Radiobrás, no SBT e no *Jornal do Brasil*. Foi diretor de projetos de mídia no Senado Federal. Integrou a assessoria da Presidência da República no Governo Itamar Franco.

Entre os livros publicados, estão *Memórias da Diverticulite: geografia sentimental de Miguel Torga em Minas*; *Passeio pela Magia na História de Carlos Magno*; *Palavras Cruzadas*; *Sob o céu de Belo Horizonte* e *Fortuna Biográfica de Vivaldi Moreira*.

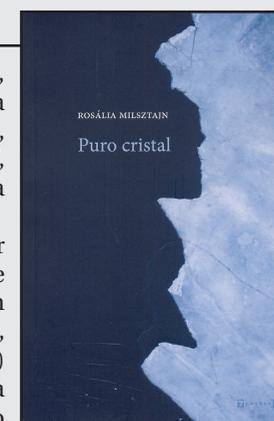


Puro Cristal

Puro Cristal (7 Letras) é a sexta coletânea de Rosália Milsztajn, que completa 30 anos de carreira este ano. A obra apresenta trinta e seis poemas em que a autora “lapida, com precisão, a palavra poética, capaz de reverberar a dor da existência”, conforme afirma o crítico literário Adriano Espínola, na orelha.

Os escritos estão elencados sem as tradicionais divisões por temas, comuns em livros de poesia. O texto de abertura, que dá título à obra, é o único em prosa. Ele funciona como um prólogo, no qual o cristal em questão, no lugar de brilhar, “corta como faca afiada” uma dor que consome (e corrói) absolutamente tudo – à exceção da poesia. A poeta abre sua voz de forma branda, cantando coisas cotidianas, como no tríptico formado pelos poemas “Todo dia eu vou à praia”; “Todo dia eu tomo café” e “Todo dia que me sento à mesa”. E, assim, ela começa “em algum lugar uma revolução”. No caso, a revolução acontece na própria poesia, onde nada passa despercebido.

Rosália Milsztajn é escritora, médica e psicanalista, autora de oito livros ao todo. Estreou com *No Azul* (Imago, 1991) e lançou, em seguida, *Itgadal – memória dos ausentes* (Diadorim, 1997); *Luminosidades* (7 Letras, 2000); *Aqui Dentro de Mim* (Aeroplano, 2003) e *Esse Recorte* (Patuá, 2014), com o qual ganhou o Prêmio Literário Nacional do Pen Clube do Brasil. É autora também de *A História dos Seios* (7 Letras, 2010), *Era uma Vez e Outros Contos* (2018), ambos de contos, e do infantil *Não Briga Comigo* (Ibis Libris, 2019).



Laços de amizade

Por Terezinha Saraiva*

Meu artigo, hoje, é sobre um dos sentimentos mais nobres que existe – a amizade, a importância da amizade e a felicidade de ter amigos.

Só aplico a palavra amigo aos meus verdadeiros amigos, que para minha alegria foram e são muitos. Feitos ao longo da vida, compartilhando sonhos, emoções, dores, alegrias, tristezas, realizações e decepções.

Amizade é conviver sem posse. É o que a diferencia do amor. Amizade não é possessiva. Pode-se ter amizade por muitos ao mesmo tempo, sem magoar ou ferir ninguém.

Alguns amigos são importantes porque nos ajudam a remendar a alma; outros pela capacidade de nos erguer o ânimo, impulsionando-nos para prosseguir na caminhada. Existem, ainda, os amigos que dão asas aos nossos sonhos, ajudando-nos muitas vezes a torná-los realidade.

Os amigos constituem uma outra família, além da biológica – nossa origem e nossa herança. É uma família constituída por pessoas que escolhemos e nos escolhem para compartilhar a vida, somando os bons momentos, dividindo os difíceis, buscando juntos superá-los, multiplicando as alegrias, as vitórias, fortalecendo em qualquer situação os laços de amizade.

Às vezes, as situações de vida não nos permitem dividir o dia a dia com nossos amigos, mas, mesmo assim, basta-nos saber que existem. A verdadeira amizade independe de presença, proximidade, distância.

Permanece a mesma, perto ou longe. Quando precisamos da presença, é só estender a mão para encontrar a mão do amigo, acolhedora, companheira.

Acabamos de viver um exemplo da importância da amizade; da importância de ter amigos. A pandemia afastou fisicamente as pessoas para se protegerem, nesse longo período de isolamento; entretanto as amizades se mantiveram inalteráveis. Ajudaram-nos a atravessar esse tempo. Na solidão de cada um, os amigos continuaram presentes. As novas tecnologias ajudaram-nos a estar perto dos amigos, independente da distância.

A amizade é um sentimento tão forte, que a pandemia com sua força destruidora de vidas não conseguiu enfraquecer, muito menos acabar com os laços de amizade.

Os laços de amizade não terminam nem com a morte. Os amigos são grandes companheiros para não se fazer sozinho a viagem da vida.

Encerro aqui a reflexão sobre a amizade aproveitando para abraçar afetuosamente meus queridos amigos, os de ontem, os de hoje, os de sempre.

Elevo meu pensamento a Deus para lembrar com saudade os que já partiram, mas que permanecem vivos pelos laços de amizade que nos uniram.

E ao lembrar amigos que já partiram, não poderia deixar de citar meu querido filho Cláudio, que partiu há 11 anos, deixando um imenso vazio em minha vida. Ele foi o maior e o melhor amigo que tive. Partilhamos os mesmos sonhos, os mesmos ideais, lutamos pelas mesmas causas, sofri e ri comigo nos momentos de dor e alegria. Juntos, procuramos ajudar na construção de uma sociedade mais justa, mais solidária, mais humana. Para isso, trabalhamos juntos ou separados, ajudando as crianças que mais precisavam, buscando por meio da educação, da orientação prepará-los para um futuro melhor. Estendemos nossas mãos e nossas ações para ajudar os jovens sem rumo, ensinando-lhes o significado de palavras como moral, ética, dignidade, amizade, amor, fé.

Na figura desse meu grande amor e melhor amigo, homenagem aos queridos amigos de sempre.

*Terezinha Saraiva é educadora.

Lugares de letras

Por Getúlio Marcos Pereira Neves*

Outro dia, lia texto em que a autora, uma jornalista espanhola, perguntava se quem faz as cidades são os que as habitam ou os que as contam. Isto é, as descrevem para outros que lá não vivem, usando-as como cenário para contar histórias.

É interessante para todo leitor apaixonado visitar lugares onde se passam as suas tramas favoritas: uma Baker Street para os sherlockianos, a Copacabana dos apreciadores de Garcia-Roza. Ou, que dá no mesmo, visitar lugares que têm a ver com o entorno sentimental da obra literária de determinado autor: as cercanias da Rua do Ouvidor para machadianos, as do Pelourinho para os amadianos, deixando-nos ficar pelos mais óbvios. Não há dúvida quanto a que o montevideano Café Las Misiones ou o lisboeta Café A Brasileira são vistos de outra maneira pelo que aprecia a leitura de Mario Benedetti ou de Fernando Pessoa. Ou, no mínimo, se tornarão endereços procurados mais avidamente por ele pelas ruas das cidades. As cidades e as serras (lembrando Eça de Queiroz) têm apelo literário evidente. Ademais, a expressão queirosiana lembra as duas vertentes mais pujantes em que se movimenta a produção literária brasileira: o regionalismo e o urbanismo (classificação que não nega as suas evidentes limitações conceituais).

Imbuídos desse espírito de descoberta dos locais que impressionaram seus autores, podemos tentar redescobrir o sentido de determinada criação literária. Ou tentar penetrar-lhe mais profundamente o sentido, apreendendo condicionantes não facilmente apreensíveis a bordo de uma leitura apressada. É por isso que, para o bom leitor, visitar lugares por qualquer motivo revestidos de apelo literário agrega valor a uma viagem. Cidades “literárias” como Paris ou Lisboa ou o Rio de

Janeiro podem ser apreciadas a partir daí com outros olhos, despertando-nos outra espécie de interesse.

Exercício, aliás, de composição literária sobre uma mesma paisagem que se transforma no tempo é a série de romances histórico-políciais que Alberto Mussa ambienta ao longo da história do Rio de Janeiro, uma trama para cada século de História. A paisagem da cidade, no recorte histórico de cada época específica, co-estrela a trama e envolve as personagens, como aliás deve acontecer nos domínios da boa Literatura.

Em outra categoria conceitual, situam-se os guias de cidades. Não o simples guia turístico, mas aquele que agrega ao texto apreciação e estilo pessoais que façam valer a pena. Como o guia de Salvador, por Jorge Amado (Bahia de todos os santos), e os guias “Prático, Histórico e Sentimental” de Olinda e do Recife, por Gilberto Freyre, as três obras sombreando-se à produção mais sofisticada de seus autores, entusiasmadas de sua terra natal.

Conheço alguns (bons) guias literários, daqueles que ligam autores aos seus lugares de vida e obra. Ainda melhores quando alternam informação e endereços. Sobre todos, aprecio o *Mon Paris Littéraire*, de François Busnel, publicado em 2016 pela Flammarion. Por conta da pandemia, torço para que todas as livrarias de bairro referidas no guia continuem firmes. Ao mesmo tempo que lembro da nossa pouca tradição nessa espécie de publicação, fazendo ligação entre autores-obras-lugares queridos. Trazendo informação e reforçando a autoestima das cidades, dos lugares, dos cidadãos-leitores. Contar também dessa forma a cidade é vertente a ser mais explorada.

*Getúlio Marcos Pereira Neves é membro do PEN Clube do Brasil.

Entre retalhos

Por Gabriel Chalita*

Luciana tem mistério nos olhos e tem cheiro de amanheceres no sorriso. E eu tenho medo e silêncio.

Trabalhamos na mesma loja. Outros, também. Outros trabalham. Ficamos fechados um tempo. Tempo de pausas. A pausa em mim dura desde que desisti de insistir em Sílvia. Foram anos de uma espera e de desenhos de palavras nunca ditas. Era minha vizinha. Sorriamos nos encontros e mais nada.

Entre as cortinas, eu vigiava sua saída e saía, e a minha rapidez nos passos não se convertia nas falas. Que, quando vinham, eram tímidas e vagarosas. E, quase sempre, solitárias.

Dei sorte uma vez em que ela deixou cair um livro. Era um livro que trazia amor no título. Deitei minhas mãos no chão e consegui dar a ela apenas o livro. Ensaiei um improvisado comentário que não saiu. Disse ela “Quanta gentileza!”, e disse, também, um sorriso. Respondi nada. Só depois, diante do espelho, fiquei repetindo o que poderia ter dito.

Quando falo em Sílvia, distraio os pensamentos de Luciana. Um dia, vi Sílvia beijando, no portão da casa, um homem que não era eu. Fechei a porta de mim e fiquei semanas e meses brigando com o que não saía.

E, então, veio Luciana. Entrou depois de mim na loja. E o amor entrou junto. Medroso, nos inícios. Medroso até hoje.

Usa óculos a Luciana. Usa mais de um. São coloridos. Colorem de tentativas os meus dias. Retiram de mim poemas ensaiados, um a um, em frente ao mesmo espelho que conheceu tudo de Sílvia. O que mais digo é um que intitulei “Entre retalhos”. É sobre a loja. É sobre os panos. É sobre os esconderijos a que viajamos, quando sentimos.

Descobri ouvindo que, há não muito, ela terminou uma relação. “Desacredito dos homens”, foi o que recebi de textos pouco compreensíveis pela distância que nos separava. A esperança conversou comigo e explicou que seria uma questão de tempo. Bastava o esquecimento da dor, e ela estaria pronta para vivermos nossa história.

Decidi o regime, a caminhada, a mudança do corte do cabelo, a compra de algumas roupas novas, a limpeza dos dentes, a limpeza de tudo e o sorriso.

Horário triste o de fechar a loja e caminhar sem ela pelas ruas anoitecidas do bairro. Moramos em lados opostos. Comprei, outro dia, uma caixa de morangos, de um vendedor de rua. Cheguei decidido a oferecer. Achei atrevimento. Passei o dia inventando um jeito de dividir aquele sabor. Saber ausente.

Fiz pouco da intenção e, no caminho de casa, dei a um homem mais faminto do que eu, que estendia as mãos em uma calçada com pouca luz.

Na pouca luz do meu quarto, só há pensamentos. A noite indormida repete os tempos de Sílvia. O que é melhor, então? Encerrar a vida com cortinas pesadas de segurança? Não é isso o que quer a luz que atravessa a fresta que deixei aberta para o acordar. Acordei a vida, quando a vida de Luciana entrou naquela loja.

Luciana é da conversa. Fala sobre um cliente que reservou um corte. E corta para outro assunto. Fala de pessoas que desconheço e prolonga a conversa, enquanto não entra outro cliente. Um dia, me disse: “Mudo, você!” E riu. Fiquei pensando no “mudo”, se era de mudança de atitude ou de ausência de fala. Vasculhei o dia inteiro os meus pensamentos e resolvi dizer. Soltei um “Está frio, né?” E a resposta veio em uma velocidade que nunca tive. “Claro que não, Geraldo.” E, antes de eu concordar, com a tesoura cortando um tecido, ela olhou disfarçando os óculos e continuou: “Está uma delícia.”

E, então, entrou alguém. E era minha vez. E vendi um pano para cortinas. Um pano para esconder a parte de dentro da casa ou para enfeitar de alguma cor a sala interna de alguém. “Está uma delícia”, era sobre o quê? O dia? O nosso encontro em uma loja de bairro? O futuro que nos esperava juntos? Sobre o que seria aquele dito? Resolvi ir com ela pelas ruas opostas às que me levavam para onde eu já sabia. E passei o dia satisfeito com a resolução.

Olhei no pequeno espelho do banheiro e me arrumei de coragem mais de uma vez. O relógio demorava a compreender que eu tinha pressa de me oferecer para caminhar com ela até sua casa. Sim. “Está uma delícia!” Era uma autorização. E teve o sorriso como complemento. E, se não fosse a necessidade de atender quem chegou, ela teria dito alguma coisa mais. No velho relógio, os ponteiros diziam que faltava pouco para minha atitude. Fiquei limpando um balcão já limpo e vendo os outros funcionários com pressa.

Ouvi barulhos de arrumação no banheiro. Ouvi o perfume de Luciana se aproximando. Iríamos juntos. Era disso que se tratava. Por entre a porta entreaberta, a noite se explicava. Noite de luar. Noite de gravidez de palavras de amor. Noite de mistérios que despedem um dia, enquanto aguardam um outro.

“Geraldo”, era dona Sônia, a dona da loja, me chamando, enquanto o meu amor se despedia. Quis dizer que hoje não. Não podia falar naquele sagrado instante. “Geraldo, parabéns, a Jandira disse que você tem muito bom gosto para sugestões de cortina.” Resmunguei algum som de gratidão. E, depois, ela disse apenas: “Até amanhã!” Agradei, apressando a saída, mas a calçada já não me mostrava ela.

Um frio soprou em mim na quente noite de verão. Silenciado, fui pelo caminho conhecido acompanhado, apenas, da esperança do dia seguinte.

*Gabriel Chalita é membro da Academia Paulista de Letras.

Homero Massena, um pintor genial

Por Manoel Goes*

O genial e rebelde Homero Gabirobetz Massena (1886-1974) é o expoente máximo no cenário das artes da nossa Vila Velha do Espírito Santo. Nasceu em Barbacena, Minas Gerais, mas adotou Vila Velha como sua cidade preferida, e, com certeza, foi reconhecido por amar tanto a nossa terra, tendo recebido o título de cidadão espírito-santense e muito carinho dos admiradores de sua produção artística.

Foi prefeito da cidade de Bonfim-MG, foi afinador de piano, relojoeiro, saltimbanco, redator de jornal etc. Formado em odontologia, por exigência do seu pai, Massena jamais exerceu a profissão, sua paixão maior era a pintura, as artes, a natureza. Pintou desde os 15 anos, deixando um legado artístico maravilhoso, tendo mais de dez mil telas espalhadas pelo país. Sua arte explode nas pinceladas, que em um primeiro momento podem parecer despreocupadas com o primeiro plano, mas transmitem ao expectador várias imagens, dependendo do ângulo e distância da obra.

Teve a sua arte exposta na galeria Rembrandt, em Paris, no período de 1906 a 1909, e em 1930. Noticiava a imprensa em 1939: “Poucas vezes tivemos a oportunidade de nos deleitar num ambiente de pura arte como a que ora se apresenta. Homero Massena, nome consagrado na vida nacional, como uma de

suas impressões de mais alto e honesto valor, pondo em seus quadros pedaços do Brasil que ele vai vendo e que sabe fazer ver como verdadeiro artista que é.”

A crítica da época era unânime em afirmar: “Massena surpreende, no que o termo valha na maior força e significação tanto aos leigos quanto aos entendidos em arte. Artista de processos simples, e por isso mesmo, legitimamente belo, as suas pinceladas são precisas, largas e limpas. Não existem distorções para reverenciar o inédito. Nem tão pouco se oferecem ‘chromos para enternecer o vulgar.”

Kleber Galveas, um dos idealizadores do Museu Atelier Residência Homero Massena, artista plástico capixaba e seu pupilo, afirma: “a obra de Massena possui unidade, que é produto de uma sensibilidade que se mantém por mais de um século, que transcende ao dualismo vertical-horizontal da tela, e ganha profundidade no espírito do intelectual como no mais rude observador, não é apenas um patrimônio histórico da nossa cultura, é universal, é Arte.” Galveas luta para a manutenção do acervo e divulgação das obras de mestre Massena; hoje é um grande especialista na restauração dos muitos “Massenas” que recebe, necessitando de cuidados, em seu ateliê, na cultural Barra do Jucu, terra dos tambores de Congo e imortalizada pela “Madalena do Jucu”, música de Martinho da Vila.

Os visitantes poderão contemplar pequenos detalhes da vida do Massena, quando a casa onde viveu, transformado em museu, reabrir após a sua restauração. Lá estarão: os seus óculos, seus pincéis, inúmeras cartas, livros, diplomas, e as camas do casal separadas por causa da idade e da doença, onde ele e a sua Edy dormiam, separados, mas tão juntos, dando a impressão de que eles ainda habitam este lugar. As marcas do amor do casal estão espalhados por toda a casa, nos afrescos das paredes, nos diversos pássaros desenhados sobre finas rachaduras nas paredes, genialmente aproveitadas como galhos de imaginárias árvores. Simplesmente genial!

* Manoel Goes é escritor e diretor no IHGES, Instituto Histórico e Geográfico do ES.

O pioneirismo de Pedro Bloch

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com

Antecipamos homenagem ao Dia das Crianças, no próximo mês, através de uma justa reverência a Pedro Bloch (1914 – 2004), um dos maiores foniatras e dramaturgos da segunda metade do século XX, no Brasil.

Num país de memória curta, principalmente no que tange à Cultura, considerando a grandeza da contribuição do teatrólogo brasileiro mais representado no exterior (mais, inclusive, do que Nelson Rodrigues e Dias Gomes), todos os aplausos devem ser ruidosos.

Atualmente, muito se preconiza quanto à humanização da saúde. O legado de Pedro Bloch não pode figurar fora desses ensinamentos. Além de ele próprio ouvir os pacientes miúdos, recolhendo matéria-prima para seus estudos e textos, dava voz à meninada, reproduzindo suas histórias. Assim, amplificou o contato revelador que ele anotava por meio dessa peculiar percepção do mundo.

Escutar e dialogar com os pequenos foi a chave do seu trabalho, em que o espaço dado à oralidade das crianças resultou, como consequência luminosa, a escrita de uma nova história da infância, considerando a voz dos pequenos sobre si mesmos.

Nascido em Jitomir, na Ucrânia, Bloch veio para o Brasil em 1922, aos oito anos de idade, junto com o primo Adolpho Bloch, fundador da revista *Manchete*. Filho de um comerciante de tecidos, ucraniano como Clarice Lispector, cresceu em Vila Isabel e naturalizou-se brasileiro.

Estudou no Colégio Pedro II e, posteriormente, cursou a Faculdade Nacional de Medicina da Praia Vermelha (atual Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro). Formou-se em 1937. Chegou a lecionar na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Considerado um dos maiores nomes da fonoaudiologia no país, especialista em foniatria, cuidou de vozes de vários artistas, como Roberto Carlos, Gal Costa, João Gilberto, Antônio Fagundes, Chico Anísio e Luciano Pavarotti, além de celebridades e políticos, como Carlos Lacerda.

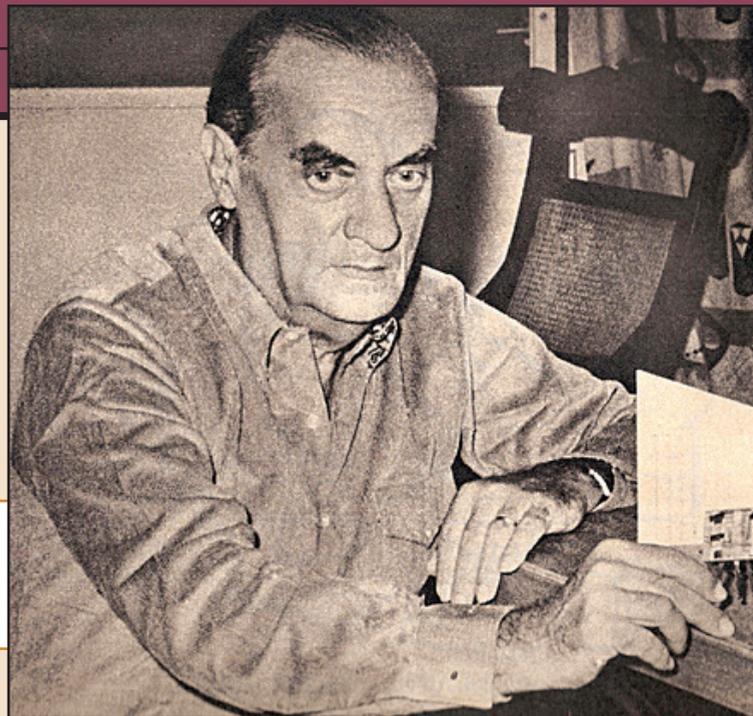
Fundador da Federação Brasileira de Otorrinolaringologia (precursora da Sociedade Brasileira de Otorrinolaringologia), atendia, principalmente, crianças, de onde tirou inspirações para os seus mais de 100 livros, a maioria infantojuvenis. Fundou o Grêmio Científico e Literário e colaborou para diversos jornais e revistas escolares.

Por diversas vezes, chegou a declarar o quanto gostava de ser reconhecido como “o homem que conta historinhas de criança”, que ele coletava e escrevia porque reconhecia, esboçados nelas, traços de uma espécie de sabedoria infantil, percepção que, na época, era pouco absorvida. “O mundo infantil é cheio de mistério e poesia, suspense e humor. [...] Seria de desejar que todos os pais guardassem as frases mais expressivas dos filhos, como verdadeiros tesouros. Mas o que ocorre, normalmente, é que se conserva um flagrante fotográfico inexpressivo ou uma botinha, um boneco uma mecha de cabelo. Quase nunca percebe que o que a criança diz, em suas diferentes fases, são pedacinhos de alma dessa criança”, afirmou com sabedoria.

Bloch manteve uma seção humorística, contando historinhas de criança, nas revistas *Manchete* e *Pais & Filhos*, que depois transformou em livros, com os seus anedotários infantis.

“SE A GENTE TIVESSE OUVIDO DE OUVIR CRIANÇA, O MUNDO SERIA MELHOR” (P. B.)

A primeira edição do monólogo “As mãos de Euridice”, em 1950. Encenada mais de 60 mil vezes em cerca de 45 países, a peça fez de Bloch o dramaturgo brasileiro mais traduzido e representado no exterior.



Pedro Bloch, um dos maiores nomes da foniatria e dramaturgia nacional.

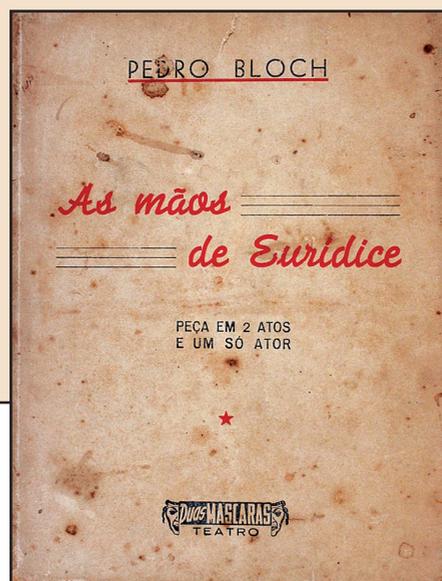
TRABALHO INOVADOR

Em seu inovador trabalho literário, centrado na oralidade dos pequenos que lhe inspiravam textos, cabe observar que o objetivo inicial era o de amplificar a exposição das riquezas do universo infantil para o público adulto. O papel de personagem destinado às crianças, no entanto, se expandiu. Além do adulto, Bloch logo formou, em torno de suas publicações, um público fiel de leitores mirins, o que era algo excepcional para a época.

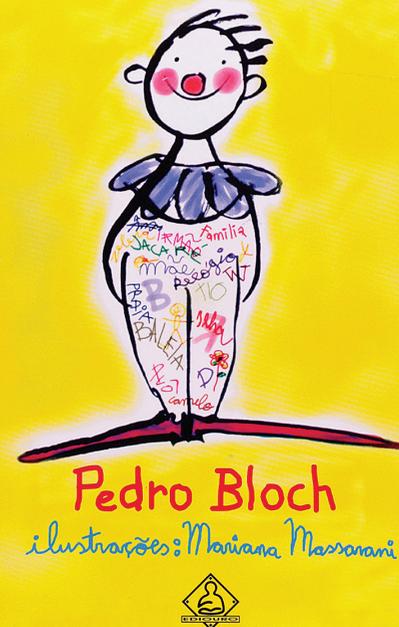
Utilizando a comicidade como filtro facilitador na comunicação, como bom interlocutor da meninada, o médico apontava que os problemas de seus pacientes mirins apareciam, em grande parte, quando os pais não os inseriam no diálogo. O autor usou o humor para possibilitar que a voz da criança fosse, de fato, ouvida.

Nas palavras do próprio Bloch, sua intenção em retrabalhar e divulgar suas “observações” era dar voz às características únicas embutidas na infância: “O humor infantil, o que a criança diz, tem características tão próprias, tão originais, tão suas, que os referenciais do adulto não conseguem fixar com facilidade. [...] É que aqueles seres peque-

A terceira edição do Dicionário Infantil de Pedro Bloch, com ilustrações de Mariana Massarani, publicado pela Editora Ediouro, em 1998.



Dicionário de Humor Infantil



ninos parecem ter uma infinidade de segredinhos, de particulares, de confidências e mistérios. Se compreendem mais pelo implícito do que pelo proferido. E o proferido é, quase sempre, o preferido.”

Bloch defendeu a prática da conversação com os pequenos, militando para que todos anotassem e lhe encaminhassem as falas infantis – atitude que resultou na mudança da própria forma de conceber a criança como um indivíduo no meio social que estava em processo, na época. Dentre os inúmeros textos nesse sentido, destacamos uma seleção de onze volumes publicados entre 1963 e 1998: *Criança Diz Cada Uma!* (1963); *Essas Crianças de Hoje* (1970); *O Menino Falou e Disse* (1974); *Poxa, que Meninos!* (1977); *Criança é Isso Aí* (1980); *Esses Meninos de Ouro!* (1983); *Outras de Criança Diz Cada Uma!* (1983); *Criança Sabe das Coisas* (1984); *Essas Crianças Fabulosas* (1987); *O Incrível Humor da Criança* (1989) e *A Sabedoria da Criança* (1998).

Livros relativamente pequenos, de leitura ágil e divertida, todos são resultantes do trabalho com humor, envolvendo a participação direta das crianças. Já na primeira publicação, o autor fez um comentário explicativo que pode ser estendido aos outros volumes, assumindo-se como escutador de crianças: “Reuni uma série de coisas ditas e observadas no mundo das crianças. Foi das experiências mais fascinantes de minha vida”.

Para Bloch, era fundamental permitir que a criança pudesse expressar livremente seus posicionamentos, resgatando o respeito que a sabedoria infantil merece: “Muita gente grande faz concessões à sabedoria da criança. Mas faz, apenas, concessões. Acha mais graça no tatibitate e nos erros que ela comete do que no que ela possa apresentar de mais profundo, de mais consistente, de mais original. É o resgate de um respeito pela criança, cada vez maior, que este livro pretende, da maneira mais singela.”

Foi extremamente inovador, para a época, a noção da criança como um ser único e portador de relativa autonomia. Delineava-se, com imensa e efetiva contribuição do trabalho de Bloch, o esboço de uma nova definição de criança que se percebeu no Brasil, especialmente, a partir do final da década de 1960.

Destaca-se, na fala desse grande médico, jornalista, dramaturgo e escritor, uma linha de pensamento que percebe e considera a criança não apenas como receptora de estímulos culturais disponibilizados pelos adultos, mas também como produtora autônoma de significados. Ao ser indagado a definir a criança, certa vez, respondeu Bloch: “O que é uma criança? [...] A criança é um todo, uma realidade concreta. Pode e deve crescer, em todos os aspectos, segundo suas leis evolutivas. [...] Sua evolução afetiva condiciona sua evolução intelectual, suas capacidades de recepção, de memorização, de integração, de expressão. A linguagem falada é a base da comunicação. Sua aquisição normal é indispensável ao progresso do desenvolvimento intelectual. A comunicação é própria das sociedades humanas. Normalmente constituída, ela conduz à formação de indivíduos de valor ampliado, mais equilibrados.”



Rodolfo Mayer, Procópio Ferreira, Lourdes Mayer – esposa de Rodolfo e irmã de Zilka Salaberry – e Pedro Bloch.

“TODA CRIANÇA NASCE GÊNIO. NÓS É QUE AS ESTRAGAMOS” (P. B.)

Um dos livros de destaque de Pedro Bloch, *Criança Diz Cada Uma*, de leitura ágil e divertida.

DRAMATURGIA

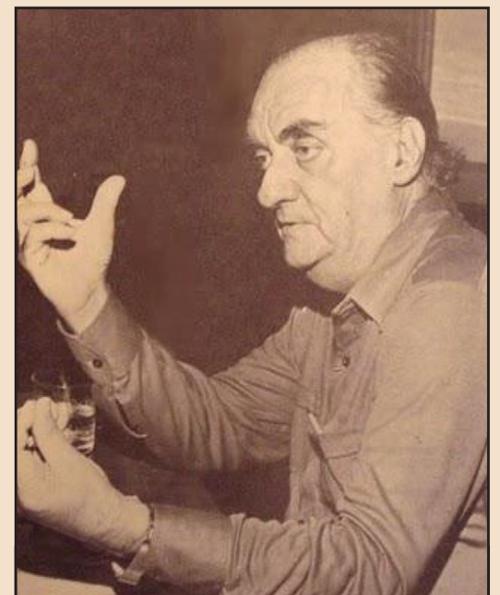
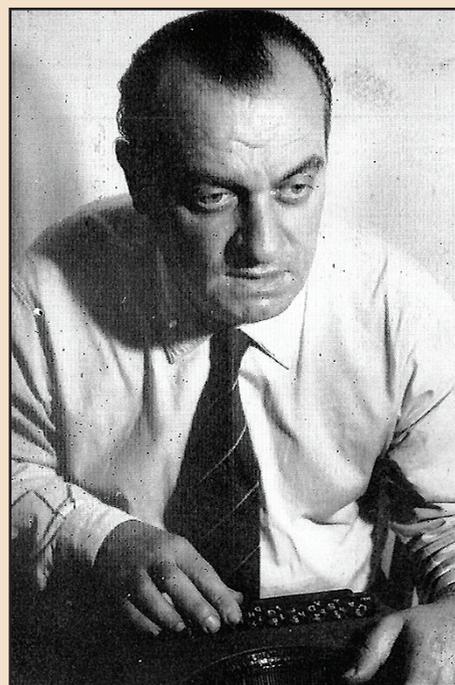
O interesse de Pedro Bloch pela dramaturgia começou a surgir quando, ainda criança, conheceu atores e compositores, como Noel Rosa e Catulo da Paixão Cearense, que se reuniam em sua casa. O pai, recém-chegado da Ucrânia, estimulava o seu gosto por arte.

No teatro, seu grande sucesso foi *As Mãos de Eurídice*, que estreou em 13 de maio de 1950, com Rodolfo Mayer no papel do homem que retorna à sua antiga casa, depois de perder o dinheiro e a amante. O monólogo teve sucesso imediato e logo passou a ser apresentado pelos teatros do Brasil e do mundo. Encenada mais de 60 mil vezes em cerca de 45 países, a peça fez de Bloch o dramaturgo brasileiro mais traduzido e representado no exterior.

Dois anos depois, emplacou outro sucesso: *Dona Xepa*, que mais tarde, adaptada por Gilberto Braga, foi novela na Rede Globo, tendo Yara Cortes como a protagonista. *Dona Xepa* foi a 1ª novela das 18h baseada numa obra contemporânea. Outra de suas peças – *Lua Cheia de Amor* – também foi adaptada para novela das 19h, estrelada por Marília Pêra e Francisco Cuoco, em 1990.

Como jornalista, foi colaborador da revista *Manchete* e do jornal *O Globo*. Morreu aos 89 anos de idade, de insuficiência respiratória aguda, em seu apartamento, no bairro de Copacabana, onde viveu sempre na companhia da mulher, Míriam.

Em uma de suas últimas entrevistas, ao ser perguntado de que modo ele reconstruiria o mundo, respondeu: “Começaria por me reconstruir. O mundo somos todos nós, responsáveis, um a um, um por um, pelo que fizemos do mundo. Só depois de me reconstruir é que eu me sentiria no direito de reconstruir o mundo.”



Pedro Bloch foi colaborador da revista *Manchete* e do jornal *O Globo*.



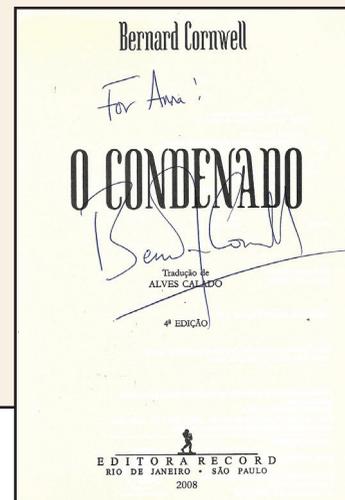
Visite a nossa página na internet: annarennhack.wix.com/amor

Para os jovens e os amantes de romances históricos!

Mestre em educação, pedagoga, editora de livros infantis e didáticos – e-mail: amor.anna2014@gmail.com

A *Busca do Graal* (*O Arqueiro*, *O Andarilho* e *O Herege*) foi a trilogia seguinte, aproveitando a esteira de sucesso de Artur, e em 1356, acontece uma nova busca, agora pela espada de São Pedro.

Alguns títulos independentes também traziam histórias incríveis e o meu favorito é *O Condenado*, considerado o melhor romance histórico publicado na Inglaterra e que apresenta a busca por justiça para um condenado inocente no meio de uma sociedade inglesa aristocrática e hipócrita, nos anos 1800.



Autógrafo de Bernard Cornwell no livro *O Condenado*.

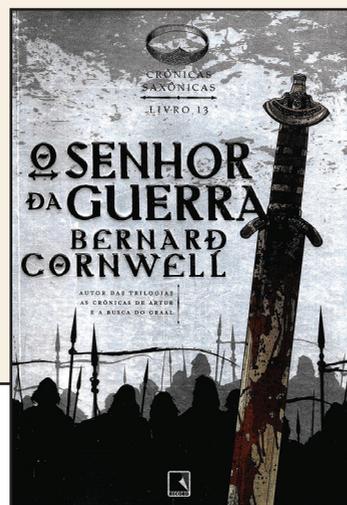
Hoje, resolvi fugir de todos os temas difíceis, deixar a literatura infantil para um momento próximo e me deliciar com as páginas do último livro da série *Crônicas Saxônicas*, de Bernard Cornwell. Não sei se já afirmei aqui a minha paixão pelos romances históricos desse autor inglês que vive nos Estados Unidos.



Bernard Cornwell e Anna Rennhack, fã assumida.

Meus amigos, Serginho França e Luis Fernando Ribas, compartilham dessa admiração e, com Luiz, sempre troco impressões e aflições sobre os textos.

Iniciar a leitura de *O Senhor da Guerra* foi muito difícil, décimo terceiro e último livro da série, relutei a me despedir de Uhtred, imaginando o final da história. Como sempre, Cornwell foi brilhante e não me decepcionou. Os livros deram origem à série de TV *O Último Reino* (*The Last Kingdom*), com temporadas ainda em produção e a incrível participação do autor em um dos episódios. E lá estávamos nós, no meio da batalha, na parede de escudos, na torcida pelo nosso herói.

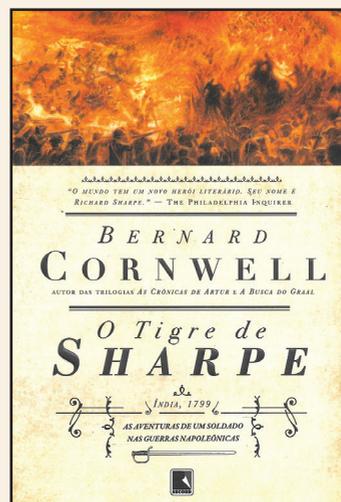


O Senhor da Guerra - 13º e último volume da série *Crônicas Saxônicas*.



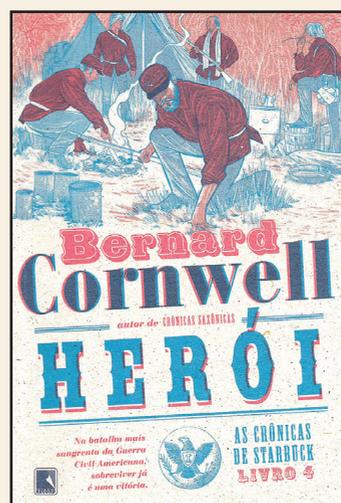
A paixão pelos textos de Bernard Cornwell teve início com a trilogia de *As Crônicas de Artur* (*O Rei do Inverno*, *O inimigo de Deus* e *Excalibur*). Lembro o Sérgio Machado, que sempre brincava com os cartões de Natal da editora Record, trocando o rosto do herói pelo seu, no cartão que seguiria para amigos (no ano anterior ele assumiu o papel de Ramsés!). Com *As Crônicas de Artur*, desmistificamos o rei e admiramos o mito. Impossível não gostar. Tudo o que pensávamos conhecer da lenda virou pó.

A bela capa que abre a trilogia de *As Crônicas de Artur*.



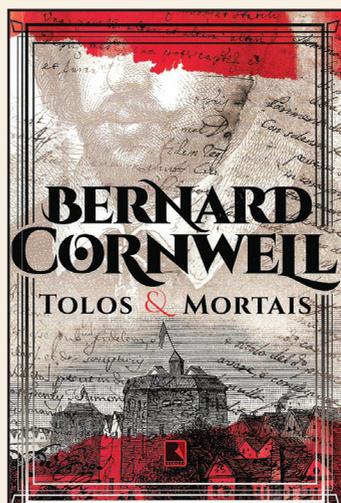
Mais uma série genial: *As Aventuras de um Soldado nas Guerras Napoleônicas* (com doze volumes já editados no Brasil). Viajamos com o herói Richard Sharpe pelos inúmeros lugares das invasões francesas. Uma aula de história completa, com costumes, hierarquias, disputas e combates. Sharpe também virou herói da série de TV que leva o seu nome, representado pelo ator inglês Sean Bean (herói também em *Games of Thrones*, como Ned Stark).

O início da saga de Richard Sharpe.



Saindo da Inglaterra e homenageando o país onde vive, Cornwell produziu uma nova série, *As Crônicas de Starbuck* (com quatro livros já publicados: *Rebelde*, *Traidor*, *Inimigo* e *Herói*) que retrata a Guerra Civil americana com espíões, traições e grandes batalhas.

Um soldado do Norte que luta pelo Sul, como essa história vai terminar?



Um novo livro único e surpreendente é *Tolos & Mortais*, que nos mostra, em detalhes, o mundo de Shakespeare e o início do teatro inglês.

O chão sempre enlameado é o cenário secundário dessa história.

Uma palavra especial para Alves Calado, tradutor excepcional que conseguimos identificar em cada obra!

Tenho, e li, TODOS os livros de Cornwell publicados até agora (41 livros) e espero, ansiosamente, que venham outros.

Sei que já saiu um novo do *Sharpe*: *Sharpe Assassino*. Que não demore! E que o meu entusiasmo possa contagiar outros leitores!

JL BCB Biblioteca Cultural Básica

O Jornal de Letras apresenta mais três autores cujas obras não podem faltar numa Biblioteca Cultural Básica.

acervo JL



JOHN DRYDEN

(Aldwinkle, Northamptonshire, 19 de agosto de 1631 – 12 de maio de 1700) foi um poeta, crítico literário e dramaturgo inglês que dominou a vida literária na Inglaterra durante a Restauração. Dryden nasceu na aldeia de Aldwinkle, próximo a Oundle em Northamptonshire.

Era o mais velho dos catorze filhos nascidos de Erasmus Dryden e Mary Pickering, neto paterno de Sir Erasmus Dryden. Em 1650, Dryden passou para o Trinity College, em Cambridge onde ele teria experimentado um retorno ao ethos religioso e político da sua infância. Chegando em Londres durante o protectorado, Dryden obteve trabalho com o secretário de Estado de Cromwell, John Thurloe. Em 1660, Dryden comemorou a restauração da monarquia e do regresso de Carlos II com *Astraea Redux*, um autêntico panegírico monárquico. Em 1658, publicou seu primeiro poema e iniciou sua vida literária. Se estabeleceu como um poeta e crítico literário e dedicou suas letras a serviço do novo governo. Escreveu os poemas *To His Sacred Majesty: A panegyric on his coronation* (1662) e *Tomy Lord Chancellor* (1662). Nesse mesmo ano, foi nomeado membro da Royal Society. Com a abertura dos teatros, depois da proibição puritana, John Dryden se dedicou a compor obras dramáticas, entre elas, *The Indian Queen* (1664), *Secret Love, Or the Maiden Queen* (1666) e *All for Love* (1677). Entre suas obras, destaca-se também o poema *The Hund and the Panther*. Sua obra *Preface to the Fables* (1700) foi considerada o melhor de seus ensaios. Faleceu em Londres, Inglaterra, no dia 12 de maio de 1700.

acervo JL

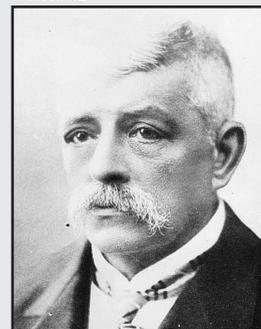


VIRIATO CORREIA

Manuel Viriato Correia Baima do Lago Filho, jornalista, contista, romancista, teatrólogo e autor de crônicas históricas e livros infantojuvenis, nasceu em 23 de janeiro de 1884, em Pirapemas, MA, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 10 de abril de 1967. Começou a escrever aos 16

anos os seus primeiros contos e poesias. Em 1903, escreveu seu primeiro livro de contos, *Minaretas*. Foi colunista do *Correio da Manhã*, do *Jornal do Brasil* e da *Folha do Dia*, além de fundador do *Fafazinho* e de *A Rua*. Colaborou também em *Careta*, *Ilustração Brasileira*, *O Malho*, *Tico-Tico*. *Contos do Sertão* é um livro de crônicas reunidas em volume e publicados em 1912. Era autor de crônicas, com o intuito visível de atingir o leitor comum. Escreveu no gênero mais de uma dezena de títulos, entre os quais se destacam *Histórias da nossa História* (1921), *Brasil dos meus Avós* (1927) e *Alcovas da História* (1934). Com o objetivo de levar a História também ao público infantil, as “lições do vovô” está em livros como *História do Brasil para Crianças* (1934) e *As Belas Histórias da História do Brasil* (1948). Deixou ainda muitas obras de ficção infantil, entre elas o romance *Cazuza* (1938), um dos clássicos da nossa literatura infantil, em que descreve cenas de sua meninice. Foi professor de história do teatro. Escreveu perto de trinta peças, entre dramas e comédias, que focalizam ambientes sertanejos e urbanos, vinculando-o à tradição do teatro de costumes que vem de Martins Pena e França Júnior. Foi deputado estadual no Maranhão, em 1911, e deputado federal pelo Maranhão em 1927 e 1930.

acervo JL



ARARIPE JÚNIOR

Tristão de Alencar Araripe Júnior, crítico literário, nasceu em Fortaleza, CE, em 27 de junho de 1848, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 29 de outubro de 1911. Compareceu às sessões preparatórias de instalação da Academia Brasileira de Letras e fundou a cadeira 16, que tem como patro-

no Gregório de Matos. cursou a Faculdade de Direito do Recife. Foi ministro da Justiça e Negócios Interiores. Em 1895, foi diretor geral da Instrução Pública. Em 1903, foi promovido ao cargo de Consultor Geral da República, que ele exerceu até o fim da vida, tendo proferido pareceres importantes. Seu livro de estreia, *Contos Brasileiros*, foi escrito sob o pseudônimo de Oscar Jagoanhara. Em 1909, publicou *Miss Kate*, curioso romance psicológico, assinando-se Cosme Velho. Não é o ficcionista, mas o crítico literário que constitui a importância de Araripe Júnior na literatura brasileira. Deixou vasta obra crítica, formando com Sílvio Romero e José Veríssimo a trindade crítica da época positivista e naturalista. Sua obra crítica, dispersa pelos periódicos, desde os tempos do Ceará, só em parte foi publicada em livro, durante sua vida. No último livro, *Ibsen e o Espírito da Tragédia* (1911), sem abandonar a preocupação nacionalista, alçou-se a um plano de universalidade, buscando a razão de ser da tragédia humana, através da obra dos grandes trágicos, da Grécia ao século XIX. Como crítico, era um conselheiro amável e cheio de compreensão, sobretudo pelos estreates. Araripe Júnior era sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do Instituto Histórico do Ceará.

O cachorro

Por Jonas Rabinovitch*

O cachorro sentou-se calmamente na frente do guichê 23.

— Bom, como o senhor pode ver, eu sou um cachorro.

O atendente levantou o olhar.

— Humm? Sim, sim, claro, eu percebo – respondeu o atendente.

— Bem – continuou o cachorro –,tenho a reputação de ser o melhor amigo do homem. Mas sou muito maltratado. Eu queria fazer uma queixa...

— Hmm... Entendo. Qual a razão da queixa?

— Olha, minha vida é um inferno. Sou cachorro de rua, dócil, abano o rabo para qualquer um. Mas as pessoas me tratam muito mal. Me enxotam, xingam, me tratam como cachorro. E olhe que nunca fiz mal nenhum a ninguém.

— Humm... Sei, sei. Mas o senhor é um cachorro. Se o tratam como cachorro, não podemos fazer uma queixa pelo senhor ser o que realmente é – ponderou racionalmente o atendente.

— Desculpe, eu estava falando metafóricamente. Não vim aqui para rebater silogismos ou penetrar labirintos semânticos ou circunvagando por lógicas hermenêuticas ou existencialistas – rebateu mais racionalmente ainda o cachorro.

— Sei, sei. O senhor veio aqui para fazer uma queixa.

— Isso mesmo!! Como faço isso?

— Sobre o que era a queixa mesmo?

O cachorro suspirou e tentou responder com calma. “Sobre a maneira como a raça humana trata os cachorros. Para que as pessoas parem de maltratar os cachorros, só isso.”

O atendente sorriu, seu rosto se iluminou. “Ah!! Agora entendi. Não tem problema nenhum. Eu ajudo o senhor, é muito simples.”

— Ótimo, então. O que eu tenho que fazer?

— Bom, o senhor precisa primeiro preencher esse formulário, anexar a certidão de nascimento, com três fotos 3x4, depois...

— Um momento – interrompeu o cachorro. – Por que preciso da certidão de nascimento?

— Porque sem certidão de nascimento o senhor não pode ter a carteira identidade e sem identidade não tem como fazer queixa. Como o senhor é um cachorro, imagino que não tenha ainda certidão de nascimento, certo?

— Certo.

— Então, o que acontece... – continuou o atendente. – É assim como eu estou explicando pro senhor: precisa três fotos 3x4, formulário para pedir certidão de nascimento, pedir senha para agendar o pedido para a carteira de identidade e formulário para o registro civil. Se quiser, pode colocar também o CPF na identidade. Qual o seu número de CPF?

— CPF? O que é isso? Não tenho.

— Ah, mas precisa. Sem isso não tem como fazer. Então o senhor precisa também dar entrada lá no Ministério da Fazenda pra ter o número do CPF.

— O que precisa para dar entrada no CPF? – perguntou o cachorro, já impaciente.

— Bom acho que o senhor vai precisar da identidade. Mas, as vezes, eles nem perguntam. Tem que preencher o formulário e dar entrada no protocolo. Depois, com o CPF, o senhor volta aqui com as fotos para pedir a certidão de nascimento”.

O cachorro estava confuso. E a queixa?

— O que é que tem a queixa? – perguntou, solícito, o atendente.

— Como eu faço afinal a queixa? – Desesperava-se o cachorro.

— Ah, é como eu estou explicando pro senhor. Com a certidão de nascimento, o senhor pode dar entrada no CPF. Com o CPF o senhor agenda o pedido de identidade, tira as fotos, preenche o formulário e dá entrada na queixa. O senhor precisa também de um atestado de bons antecedentes. O senhor sempre se comportou direitinho? Já teve passagem pela polícia? Já mordeu alguém?”

Nesse instante, o cachorro não aguentou mais. Quase por instinto, pulou ágil sobre o braço direito do atendente e deu-lhe uma mordida no braço.

Enquanto o atendente gritava, o cachorro saiu abanando o rabo, decidido a continuar cachorro e desistir de ser humano.

Aparentemente, ele também tinha desistido de fazer a queixa.

*Jonas Rabinovitch é arquiteto urbanista e conselheiro sênior da ONU em Nova York para Inovação e Gestão Pública.



Por Zé Roberto

arte Desenharte



zrgauna@hotmail.com

TRILHO CESAR

Paulo Cesar Cid, o Trilho Cesar, nasceu no município de Jundiá, interior do Estado de São Paulo, no dia 2 de novembro de 1972 e, como a maioria das crianças, era um rabiscador incontrolável que desenhava nos cadernos da escola ou em qualquer pedaço de papel disponível. Influenciado por sua cidade de origem, Cesar adotou o pseudônimo "Trilho" por conta da importância da linha férrea de Jundiá que, desde a metade do século XX, tornou-se notória por realçar a vocação industrial do município, que desenvolveu uma poderosa concentração de indústrias que atendia as regiões do entorno e próximas às margens do Rio Guapeva.



Artista eclético, Trilho é cartunista, chargista e caricaturista com passagens por diversas entidades de classe como os sindicatos dos Bancários, dos Gráficos, e Servidores Públicos. Por mais de uma década, o desenhista criou tiras e charges diárias para o *Jornal de Jundiá Regional*, e vem marcando presença nos muitos eventos de humor gráfico nacional e estrangeiros, sendo agraciado com prêmios nos salões de humor de Jundiá, Hortolândia, Cerquillo, Campo Limpo Paulista, entre outros. Em 2015, fez parte da 14ª edição do Festival Internacional de Humor At Caragiale's Home, na Romênia, quando recebeu menção honrosa por sua participação. Mais recentemente, o cartunista foi classificado para as exposições do 16º Salão Internacional de Humor de Caratinga.

Trilho Cesar é também o criador da Natália, personagem infantil inspirada em sua sobrinha, e que foi lançada em forma de cartilha para colorir, sempre abordando a natureza, o meio ambiente e a importância de sua preservação.

Para conhecer um pouco mais sobre o cartunista, o leitor do JORNAL DE LETRAS pode visitar o artista no Facebook, no perfil TrilhoCesar, ou no blog do desenhista no endereço: blogdotrilho.blogspot.com.br.

Saúde e Arte!



Agnaldo Timóteo.



Zé Roberto Graúna.



Liza Minnelli.



Belchior.



Chico Xavier.



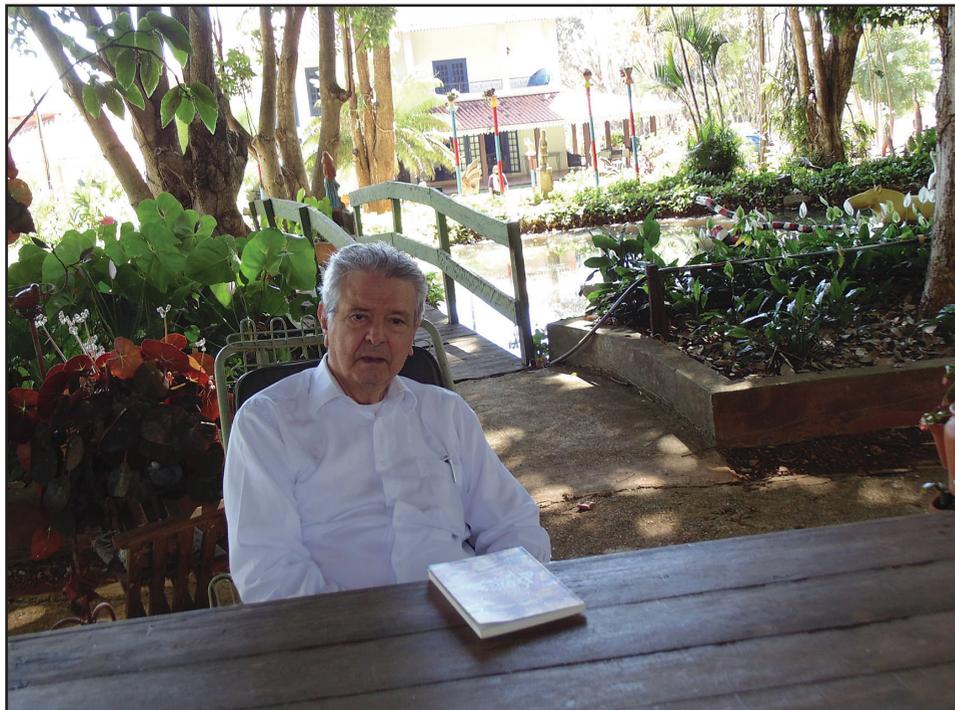
Madre Teresa de Calcutá.



Clarice Lispector.

Biblioteca dividida

Por Helio Moreira*



Dr. Helio Moreira e a Casa Amarela de Livros.

Já fazia quase seis meses que estava tentando organizar a minha biblioteca aqui na Santa Tereza. Depois de várias tentativas, cheguei à

conclusão de que não é questão de organizar, mas simplesmente um problema de espaço: o conteúdo é maior do que o continente.

Outro dia, conversando com o meu amigo Dr. Heitor Rosa, tive a informação de que problema semelhante está vivendo nosso amigo comum, o ex-reitor da Universidade Federal de Goiás, Dr. Joel Pimentel Ulhoa, possuidor de uma biblioteca com mais de 8.000 volumes, que não caberia no apartamento para onde ele se mudou.

Depois de tentar de todas as maneiras conciliar o problema que me afligia, resolvi reformar uma casa que estava desocupada, já há bastante tempo, por motivo da mudança de seu antigo morador, que resolveu ir morar na cidade.

Confesso que estou parecendo uma “barata tonta” dentro da minha biblioteca, não consigo escolher quais livros levar para o “anexo” (apelido dado à nova biblioteca); sento-me em frente às estantes e percorro as suas prateleiras, com olhos curiosos à procura dos “enfeitados”; folheio este e aquele outro; não, este eu preciso consultar de vez em quando, aquele outro está na fila para ser lido, enfim, estou me sentindo com a mesma sensação de impotência manifestada pelo escritor argentino Rodrigo Fresán (*A vida encaixotada*, revista *Serrote*, Instituto Moreira Sales, São Paulo, 2012).

Fresán registra no seu diário as dificuldades que enfrentou para mudar de casa, tendo que encaixotar seus livros para o transporte, no que foi auxiliado pela sua esposa (minha mulher enumerou e atribuiu uma letra a cada prateleira de minha biblioteca); o problema é que ele, Fresán, de vez em quando tirava um dos livros que já estavam encaixotados e passava a folheá-lo (por favor, dizia ela, você está atrapalhando, vá dar umas voltas e volte mais tarde).

Nesta voltinha, ele passou em uma livraria e comprou, outros dois

livros, um deles ele já possuía e se esquecera (Não faz mal, justifica-se, aquele primeiro era em capa dura, difícil de manusear na cama e o outro deveria, supôs ele, ser de muita utilidade no futuro (sic), cujo título não deixa de ser atraente: “Coisas que um neto deve saber”).

Vejam comigo um dos momentos “dramáticos” do diário de Fresán (Chegou o grande e terrível dia; uma quadrilha toma de assalto o apartamento onde vivia e enfia livros em caixas numa velocidade espantosa; contemplo as caixas e leio títulos de que havia esquecido, totalmente. É como se os visse pela primeira vez e não consigo resistir ao impulso de folheá-los pela última vez!).

Diferentemente do que ocorreu com Fresán, não sofro nenhuma pressão para “descartar” este ou aquele livro (ele chegara a pensar em fazer algumas doações, para diminuir a sua quantidade), preciso apenas definir quais ficarão na biblioteca central e quais deverão ir para a nova “morada”; porém, não sei qual de nós dois sofreu mais, com a mudança.

Na tentativa de ter apoio psicológico nesta empreitada, resolvi mudar o nome da casa; ao invés de “anexo”, que embute a estranha sensação de subordinação, ou seja, os livros que fossem transferidos para ali não seriam os meus preferidos, passei a denominá-la de “Casa amarela de livros”, nome mais romântico e, sobretudo, com mais personalidade cultural (ao adentrá-la, antes desta mudança de nome, parecia que era repleto por Eça de Queiroz, falando em nome das estantes abarrotadas de livros de e sobre escritores portugueses): “Por que você nos procura, se somos de segunda classe? Volte para seus preferidos!”

Para diminuir a sensibilidade dos novos habitantes da “Casa Amarela”, meu amigo e jardineiro Décio e eu plantamos, ao redor da mesma, vários arranjos de flores e plantas ornamentais (dois pés de “manacá” me foram presenteados pelos amigos Átila e Soninha de Freitas, em uma tarde nostálgica quando se despediam da antiga casa, onde moraram por mais de trinta anos).

Ontem, ao folhear (pela última vez, antes de mudá-lo de endereço) o livro *Brecht – Uma introdução ao teatro dialético*, de autoria do jornalista e ensaísta Fernando Peixoto, voltei-me, instintivamente, ao meu livro publicado pela Editora Kelps, *Entre o Sonho e a Realidade: Do Brasil dos anos 60 à Rússia dos anos 90*, em que descrevo as discussões que alguns de nós universitários da década de 1960, promovíamos ao redor de uma “mesa de chope”, procurando entender a dialética do teatro comprometido com a ideologia socialista.

Parece que impulsionado por uma força irresistível, fui à “Casa Amarela” e reencontrei o livro que procurava: *Esta é a Minha História*, Louis Bodenz, 1948. Na primeira página, vejo minha assinatura traçada com letras inseguras, seguida da data de aquisição do mesmo – Curitiba, 8/12/1958 –; este livro foi um dos meus contrafortes ao ateísmo; ganhei-o de um colega do banco onde trabalhava que, por perceber minha incipiente militância política, procurou “proteger-me”. O livro conta a história de um líder sindical norte-americano pertencente ao Partido Comunista, que se converteu ao catolicismo.

Veza por outra, ouvimos notícias de que o livro impresso vai acabar; sei não! Não acredito ser possível sentar-me em frente ao computador e, de repente, pensar em um livro que li há muitos anos e procurá-lo no arquivo virtual da máquina.

Aqui, sentado na minha poltrona, faço minha visão percorrer todos os escaninhos das estantes e, de repente, sou atraído nada menos pelo exemplar de um livro publicado em 1902 (*Homens e Causas Estrangeiras* – José Veríssimo), o pego nas mãos com cuidado e carinho; sua capa ainda é a original, como veio da impressora dos irmãos Garnier na França.

Se nossa vida fosse exclusivamente uma busca de momentos de felicidade, creio poder dizer para mim mesmo, toquei-a com as pontas dos dedos ao folhear aquele livro que já estava um pouco esquecido e que, ao reler algumas das suas páginas, principalmente seu maravilhoso ensaio sobre Emile Zola, escrito logo depois do envolvimento daquele escritor com o caso Dreyfus, culminando na publicação em 1898 da carta panfletária (*Eu acuso*) na imprensa francesa; Veríssimo discute assuntos que estavam acontecendo!

Continua penosa a mudança, levo três livros para a Casa Amarela e trago de volta outros dois! Vou conseguir!

*Helio Moreira é membro da Academia Goiana de Letras.

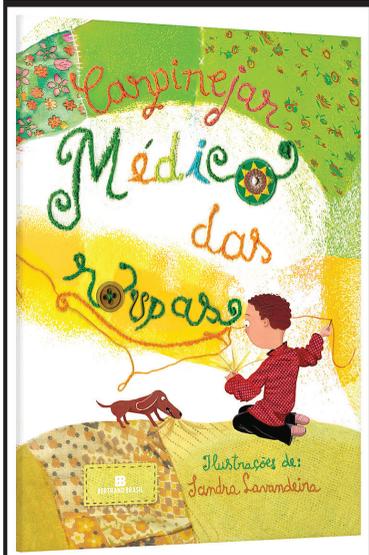
Novos Lançamentos



RETORNO

Após quinze anos sem escrever um romance, o imortal da Academia Brasileira de Letras Antônio Torres retorna ao gênero com *Querida Cidade* (Editora Record). Há escritores para quem o passado, o presente e o futuro não existem em separado, são uma coisa só. Essa fusão dos tempos faz com que seus personagens experimentem, simultaneamente, a vida que já viveram, responsável por eles serem como são, e a vida que ainda irão viver, pois a todo instante quem são hoje influencia, ou até determina, quem serão amanhã. Antônio Torres é um desses escritores. *Querida Cidade* acompanha a história de um protagonista que, assim como outros personagens do livro, deixou a pequena cidade onde nasceu – para tentar uma vida melhor, para estudar ou mesmo para fugir de algo. Ao conversar com a mãe sobre o pai, que sumiu sem deixar vestígios muitos anos antes, o filho rememora a sua própria trajetória de êxodo, independência, fracasso e eventual retorno às origens. Por meio de lembranças, projeções e referências culturais de

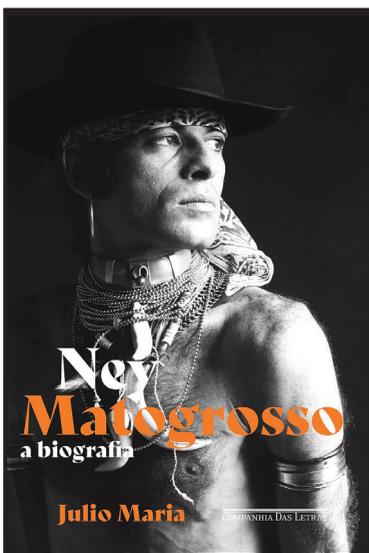
um Brasil profundo, a narrativa costura o onírico e o cotidiano, amor e melancolia, desalento e aceitação. Triunfo de um grande autor em sua melhor forma. “Sua literatura tem uma força poética que trata o sórdido e o triste como partes de uma engrenagem criativa indisposta a falsificar a realidade ou a transgredir com os subterfúgios o que a história quer silenciar”, – Néliida Piñon.



IMAGINÁRIO

Médico das roupas (Editora Bertrand Brasil), de Fabrício Carpinejar, conta a história de um menino solitário que descobre a sua vocação e passa a ser amado pela família e pelos amigos. Juliano não gosta de futebol, não gosta de redes sociais, não gosta de videogame, não gosta do que todo mundo de sua idade gosta. Mas ele se encantou com a arte da linha e costura. O que ele mais deseja na vida é fazer as suas próprias roupas e não depender mais dos pais para se vestir. Ele torna-se médico das roupas, salvando peças mortas e descartadas com o seu desenho e com a sua imaginação. Fabrício Carpinejar é poeta, jornalista e mestre em Literatura Brasileira pela UFRGS, além de coordenador e professor do curso de Formação de Escritores e Agentes Literários da Unisinos. Filho do casal de poetas Maria Carpi e Carlos Nejar, nasceu na cidade gaúcha de Caxias do Sul em 1972. Carpinejar foi traduzido ao alemão e assinou contratos na Itália e na França. Participou de antologias no México, Colômbia, Índia e Espanha, e vem sendo aclamado por escritores

do porte de Carlos Heitor Cony, Millôr Fernandes, Ignácio de Loyola Brandão e Antonio Skármeta como um dos principais nomes da poesia brasileira contemporânea. Recebeu diversos prêmios, entre eles o Maestrale/San Marco (2001), Açorianos (2001 e 2002), Cecília Meireles (2002), Olavo Bilac (2003) e Prêmio Erico Verissimo (2006).

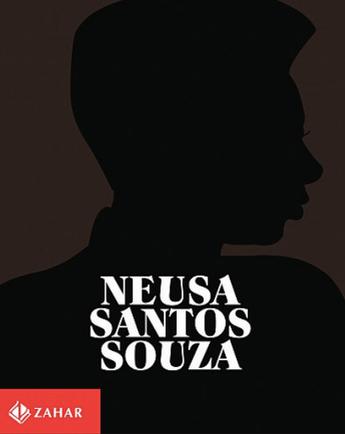


SANGUE LATINO

Resultado de cinco anos de pesquisa e quase duzentas entrevistas, a história de uma das mais relevantes personalidades artísticas do Brasil de nosso tempo. Aliado apenas à própria intuição, Ney Matogrosso abriu um caminho único na música brasileira. Enfrentou as intransigências do pai militar e os dogmas da Igreja Católica, sobreviveu aos anos de chumbo e à sombra da aids, manteve-se firme diante das promessas de riqueza do showbiz, das críticas a seu “canto de mulher” e da vigilância das censuras. O jornalista e biógrafo Julio Maria passou cinco anos perseguindo a trilha de Ney para contar a história de um dos personagens mais transformadores da cultura do país. Visitou a casa em que ele nasceu em Bela Vista do Mato Grosso do Sul, a vila militar em que viveu a conturbada adolescência com o pai em Campo Grande e o quartel da Aeronáutica que o abrigou como soldado no Rio de Janeiro. Encontrou um irmão mais velho do qual a família não tinha notícias, levantou documentos

de agentes que o observaram durante a ditadura e localizou fatos raros da fase Secos & Molhados. *Ney Matogrosso – A biografia* (Cia das Letras) vai às camadas mais profundas da história de Ney para entregar a vida de um artista que pagou caro por defender seu direito de ser livre. “Leitura emocionante, Julio Maria vai fundo no retrato do artista que marcou para sempre a vida brasileira. [...]”, – Caetano Veloso.

TORNAR-SE NEGRO



RACISMO

Obra pungente, intensa e atual – porém por muito tempo esquecida –, *Tornar-se Negro* (Zahar Editora) virou um marco no Brasil ao discutir os efeitos psíquicos do racismo na identidade de pessoas negras. Com novo prefácio de Maria Lúcia da Silva, além do prefácio de Jurandir Freire Costa à edição original, este volume traz ainda textos inéditos de Neusa Santos Souza. Publicado originalmente em 1983, *Tornar-se Negro* foi pioneiro ao conectar a psicanálise com a questão racial. De forma inovadora e potente, a psiquiatra e psicanalista Neusa Santos Souza dedicou um estudo acadêmico à vida emocional de negros e negras, justificado pela absoluta ausência de um discurso nesse nível elaborado pelo negro acerca de si mesmo. Partindo da própria experiência de ser negra numa sociedade de hegemonia branca, Neusa analisa uma série de depoimentos dados a ela, assinalando neles as consequências brutais do racismo e da introjeção do padrão branco como o único caminho de mobilidade social para o negro. São

histórias de vida de dez personagens que se autodefinem e falam das estratégias para a ascensão, cujo custo emocional é o da sujeição, negação e apagamento de suas identidades, sua cultura e seus corpos. Intelectual brilhante, Neusa Santos Souza deixou imensa contribuição para o movimento negro e a prática psicanalítica. Reeditar *Tornar-se Negro* é reacender o seu legado, manter viva a sua memória.



MEMÓRIAS AFETIVAS

Mestra na arte da narrativa curta, Ana Maria Machado nos mostra como as alegrias e dissabores do presente podem ser vestígios de tempos passados. São onze histórias que expressam uma visão íntima e profunda da existência, fazendo de *Vestígios* (Alfaguara) uma obra ímpar da literatura contemporânea. Algumas das onze histórias que compõem este livro começaram a ser elaboradas por Ana Maria Machado há muitos anos. Independentemente entre si mas conectadas pelos fios das relações familiares, elas versam sobre as nossas escolhas e memórias afetivas e sobre a passagem do tempo. Os personagens são pessoas comuns em situações cotidianas – uma mãe que nunca conseguiu expressar o amor que nutre pelo filho; duas irmãs que disputam a atenção do pai; uma jovem recém-casada que vai morar num país estrangeiro; uma avó convivendo com seus netos; uma mulher de meia-idade diante de uma infidelidade; um

jovem que não consegue confiar em ninguém. Com lirismo e profundidade, estas narrativas nos fazem confrontar naturalmente nossas próprias escolhas e suas consequências. Em resumo, *Vestígios* é um livro que atesta a incomparável capacidade de Ana Maria Machado em se comunicar com o leitor. “Para as crianças, Ana Maria destaca-se como criadora de um texto de rara musicalidade, além de um estilo leve e, ao mesmo tempo, denso [...]. Já sua literatura adulta é marcada por uma escrita apurada, desafiadora, denunciadora. Na verdade, tais frases poderiam ser invertidas, pois Ana Maria busca a cumplicidade do leitor, independente de sua idade”, – Agência Estado.



INSPIRAÇÃO

Vanessa e Thiago são dois jovens que ainda não abandonaram seus amigos imaginários. Depois de perderem o grupo de terapia que frequentam, eles decidem criar o clube dos amigos imaginários com Ricardo e Júlia, para continuar se reunindo e encontrar apoio para seus medos e traumas. Com muitos sonhos e amigos em comum, os quatro se jogam em uma série de aventuras que só o destino sabe onde vai dar. Narrando os encontros e desencontros desse grupo de amigos nada convencionais, *O Clube dos Amigos Imaginários* (Editora Verus) de Glau Kemp, nos insere em um universo repleto de sensibilidade, muitas vezes incompreendida, e acontecimentos capazes de transformar para sempre a vida de cada um de seus personagens. Em seu segundo livro, Glau Kemp nos leva a reflexões sobre os caminhos pelos quais a mente pode perambular para nos ajudar a crescer e confirma seu talento para a literatura juvenil. Original e irreverente, *O Clube dos Amigos Imaginários*

é um livro que ninguém vai abandonar enquanto não chegar ao fim. Inspirador para adolescentes e uma recordação para os adultos que esqueceram que já foram jovens. A Voz – o amigo imaginário dele. E o Urso Bobo – o amigo imaginário dela. “Uma história inusitada sobre coisas sérias, contada pela voz de amigos imaginários. A leveza da narrativa de Glau Kemp é sedutora e te levará até as últimas páginas através de personagens que ficarão para sempre na sua memória”, – Juliana Daglio, autora de *Lacrymosa*.

#AFavorDoBrasil



Visite nosso site e saiba mais



CHEGOU AHORA DE RETOMAR AS ATIVIDADES.

O Sistema Comércio, que sempre trabalhou pelos interesses dos empresários, intensifica os esforços para a volta das empresas às atividades. Enviamos ao Governo Federal um ofício com sugestões, elaboradas através de uma pesquisa escutando centenas de empresários, de novas medidas para minimizar as perdas e incentivar a retomada. Criamos um grupo de trabalho para defender os interesses do empresário do comércio de bens, serviços e turismo na reforma tributária. Lançamos o "CNC Transforma", movimento de inovação e tecnologia para dar solução aos empresários e apoiar todo o Sistema Comércio a qualificar seus negócios e a se adequar ao novo cenário de transformação digital. Também produzimos vídeos para os principais segmentos do setor com orientações para o retorno com segurança. Chegou a hora das empresas retomarem as atividades e nós estamos com você.

Saiba mais em afavordobrasil.cnc.org.br



Federações



Sindicatos



SESC



Senac

Trabalho a favor do Brasil.

Amazon acusa remix literário de plágio e censura livro de Messias Botnaro

Por Vitor Cei*

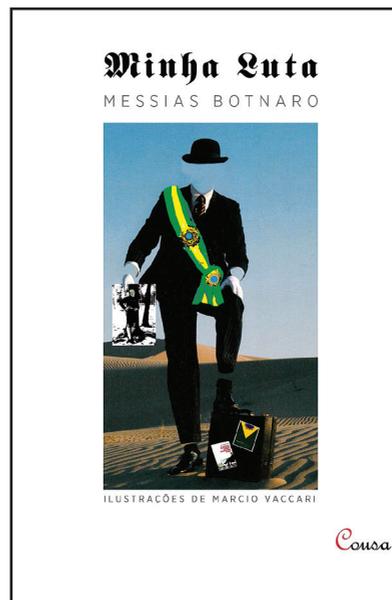
Em agosto de 2021, a Amazon proibiu a comercialização do livro *Tuítes Póstumos de um Herói Nacional*, de Messias Botnaro, que constava nas listas de mais vendidos na categoria literatura e política. A empresa nega que tenha promovido qualquer tipo de censura e justifica que o texto viola os direitos autorais de terceiros.

Como reação, Botnaro publicou *Tuítes Póstumos de um Herói Nacional Censurado: censored (English Edition)*, ainda disponível na loja da Amazon. O novo livro-manifesto consiste em dezenas de páginas pretas, sem conteúdo, antecedidas pela frase “em nome da liberdade de criação artística” e por um print do e-mail em língua inglesa enviado pela Kindle Direct Publishing, informando sobre a exclusão e proibição do livro acusado de plágio.

O episódio, que deveria ser manchete em todos os jornais e objeto de estudo de caso em cursos de Direito e Letras, até agora só foi noticiado nas redes sociais do próprio Messias Botnaro, avatar de sujeito-autor que preserva o anonimato e se apresenta ironicamente como defunto autor e primeiro escritor brasileiro a morrer de Covid-19.

Lançado em 31 de março de 2020, o livro digital *Tuítes Póstumos de um Herói Nacional* foi publicado pela fictícia editora Alliance for Brazil Press. A narrativa, composta por três capítulos com 38 tuítes de 280 caracteres cada, copia os discursos do Presidente da República, dos três filhos políticos, dos ministros e de outras personalidades alinhadas ao bolsonarismo, como Olavo de Carvalho. Portanto, o livro realmente poderia ser considerado plágio (numa perspectiva de senso comum).

Na teoria literária contemporânea, o que a Amazon considera plágio recebe classificações como escrita não original, literatura remix ou literatura por apropriação, práticas estudadas por Leonardo Villa-Forte no livro *Escrever sem Escrever* (2019). O crítico indaga que autor é esse que produz um objeto textual sem exatamente chegar a escrever? Assim como o DJ enxerga a música como um dado a ser manipulado e alterado, Messias Botnaro e outros escritores contemporâneos imersos na cultura digital veem textos como peças de arquivo que podem ser selecionadas e rearranjadas em gestos de seleção e edição.



O livro *Tuítes Póstumos de um Herói Nacional*, inscrito na categoria romance do Prêmio Oceanos, na verdade é incompatível com os gêneros literários conhecidos: não é conto, romance ou ensaio. Os tuítes não têm um enredo sequencial estendido do início ao fim. Cada capítulo se mostra desligado um do outro, além de deterem estilos distintos em cada tuíte – descritivos, oníricos, especulativos, narrativos, chulos, eruditos. A obra contempla, ao mesmo tempo, várias e nenhuma narrativa, satirizando a retórica do ódio.

Em fevereiro de 2021, Messias Botnaro lançou, em coautoria com Joanim Pepperoni (outro autor-avator que oculta o ortônimo), um manifesto a favor do plágio e da cópia. No *Manifesto Copista*, Pepperoni e Botnaro incorporam em perspectiva satírica a lógica de pós-produzir, remixar, rearranjar textos ou outros objetos já existentes: “Copiar. Só nos interessa o que não é nosso”, afirmam na plaquete digital publicada pela editora fictícia Prensa de Torresmos Cantina do Frei.

O *Manifesto Copista*, de Pepperoni e Botnaro, ao promover uma irônica apologia do Ctrl+C e Ctrl+V, se insere satiricamente em tendências contemporâneas como cultura copyleft, cultura do remix, movimento open source, escrita não criativa, literatura sampler e poética da citacionalidade, questionando permanentemente o gesto da escrita original.

A censura a um livro que, seguindo tendências recentes da literatura e da teoria literária, explicitamente satiriza e viola a Lei nº 9.610 e o artigo 184 do Código Penal, que regulam e protegem os direitos autorais, merece amplo debate público entre jornalistas, juristas, professores e leitores.

O livro que a Amazon retirou do ar permanece disponível para download livre no blog de Botnaro e integra o volume impresso *Minha Luta: obra reunida*, publicado pela Cousa em dezembro de 2020.

*Vitor Cei é professor do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo.

Pobre vasco!

Por Francisco Aurélio Ribeiro*

Não, não estou me referindo ao time de futebol, nem ao ex-prefeito de Vila Velha, mas, sim, ao primeiro donatário da Capitania do Espírito Santo, Vasco Fernandes Coutinho, hoje, nome de colégio, em Vila Velha, e o que mais?

Há, no Espírito Santo, além de Vila Velha, cidade, bairro, rua, hospital, biblioteca, comenda, com o nome do “Paí do Povo Capixaba”? Sei que Domingos Martins, Maria Ortiz, Anchieta, Jerônimo Monteiro, Afonso Cláudio, Rubem Braga, Augusto Ruschi são nomes bem lembrados, mas e o Vasco Coutinho, o que fizeram com ele? Uma grande injustiça, que redundou em esquecimento coletivo, fruto de difamações e inverdades históricas. Por quê?

Ao contrário da maioria dos donatários, Vasco Coutinho manteve a posse e autonomia de sua Capitania, que se tornou Província e Estado com o mesmo nome, Espírito Santo. S. Tomé, Porto Seguro, Ilhéus, Itamaracá, Sant’Ana, S. Vicente e outras desapareceram ou se tornaram, apenas, cidades. A família dos Coutinho manteve a Capitania do Espírito Santo em seu poder de 1535 a 1675, por 140 anos. O último da família, Antônio Luiz Gonçalves da Câmara Coutinho, rico e letrado, foi governador de Pernambuco e governador-geral do Brasil, vendeu a capitania por 40.000 cruzados, uma fortuna na época. Vasco Coutinho não morreu pobre, “sem um lençol que o cobrisse”,



Vasco Fernandes Coutinho ilustrado pelo artista gráfico Jefferson de Oliveira.

em Portugal, mas em sua Capitania, o seu “Vilão farto”, que deixou para seu filho de mesmo nome. Seus ossos estavam numa arca na Santa Casa de Misericórdia, em 1682, conforme Mário Freire, em *A Capitania do Espírito Santo*, belíssima reedição organizada por Fernando Achiamé e Reinaldo Santos Neves, publicada pela Lei Rubem Braga, recentemente.

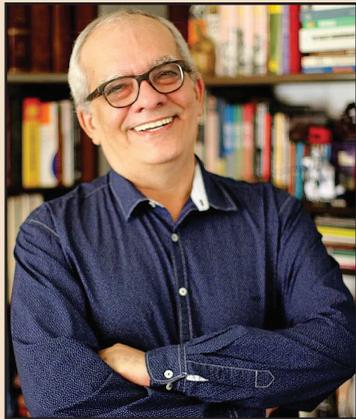
Excomungado pelo bispo Sardinha, em 1553, em Olinda, por seu hábito de “beber fumo”, Vasco Coutinho se defendeu dizendo que “nessa terra o fumo cura os homens e as alimárias de muitas doenças”. O próprio superior dos jesuítas, Manuel da Nóbrega, em carta escrita em 1549, afirmou: “Todas as comidas desta terra são difíceis de desgastar, mas Deus remediou a isso por uma erva cujo fumo ajuda a digestão e a outros males corporais, pois purga a fleuma do estômago” (Bueno, p. 207-8). Nem Vasco nem Sardinha nem Nóbrega estavam todos errados quanto ao fumo, a prática mostrou.

Enfim, passa da hora de reabilitar o nome de Vasco F. Coutinho e de lhe fazer justiça. Não foi um vilão, nem um fracassado, mas um herói de seu tempo, corajoso, guerreiro, conciliador, que fundou uma capitania abençoada pelo nome de Espírito Santo, hoje, o nosso belo, diverso, mestiço, plural Estado do Espírito Santo. Vitória, nossa capital, consagrada a S. Maurício e a Nossa Senhora, nunca foi tomada por franceses, ingleses e holandeses, pela coragem de sua população constituída de mulheres como Maria Ortiz, índios como Arariboia, negros e caboclos, cafuzos e mamelucos, nossos antepassados. Quando o Rio foi tomado pelos franceses, em 1565, quem a socorreu foram os capixabas. As minas de ouro e diamantes surgiram na capitania do Espírito Santo. Humildemente, empobrecemos, para que surgisse Minas Gerais e suas igrejas barrocas, nossa irmã mais nova. Aqui, nasceu a literatura em terras brasileiras, nos poemas e teatros, bem como a educação jesuítica, além da música, com Francisco de Vagas, o primeiro músico profissional em terras brasílicas. O Espírito Santo continua injustiçado pelas verbas de Brasília, pelo desconhecimento do resto do país e pelas inverdades históricas. Está passando da hora de mudar esse disco e de fazer justiça a quem de direito.

*Francisco Aurélio Ribeiro é membro do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo e da Academia Espírito-santense de Letras, da qual foi presidente em três mandatos.

Xexéo, cronista da verdade e da ironia

Por Ricardo Cravo Albin*



“O último refúgio do oprimido é a ironia. E nenhum tirano escapa a ela. A mordacidade aumenta a mordacidade.” Millôr Fernandes

Não pretendo aqui reiterar o óbvio que cruzou o país. Xexéo foi um grande em tudo: cronista, escritor, autor teatral, comentarista do cinema, da televisão. E da vida. Para começar, estimaria realçar algumas passagens que me fizeram não apenas admirá-lo como leitor, mas a estimá-lo pessoalmente.

Ao começo dessa insensata radicalização política que vivemos, tive que ligar para ele ao ouvir de interlocutor radical que Xexéo nunca se definia partidariamente e era mais pra político mineiro. Resposta imediata do outro lado da linha – “Quem sabe...? Mas lhe envio agora um texto de crônica recente que peço remeter ao meu pseudo admirador-analista: Este espaço está pro-

bido para menores de 18 anos, porque pode causar deficiência moral irreversível. Atenção, senhores pais, este texto se refere à vida de quengas disfarçadas de homens públicos, que se aproveitam de tudo e roubam de todos sem punição. Essa gente miúda não está aqui somente agora. Sempre esteve. Anselmo Gois, em artigo recente, cita a indignação do cronista contra o desmantelamento da cultura e do crescendo avassalador da burrice, da grosseria, e das mentiras.

Aliás, Xexéo era ácido, sim, na ironia, mas uma flor de educação no trato pessoal, em que se realçava a solidariedade aos amigos e aos injustiçados. Até porque ela sabia tudo de tudo. Do cinema à literatura, da MPB à história pop, da TV (sua paixão por novelas deixou boquiaberta parte da “inteligentia” de então), tanto quanto sua admiração pelos espetáculos da Broadway (ele adaptou alguns como Xanadu, Love Story – o musical e Cor Púrpura, em parceria com Falabella e Tadeu Aguiar). Sua entrada como autor teatral me encantou

em particular: quando pôs em cena as vedetes das revistas da Praça Tiradentes (anos 1950) representadas por Sonia Mamede, logo a seguir Dalva x Herivelto Martins. Depois exporia sua devoção pela música francesa em “Nós sempre teremos Paris”, além de outros musicais como “Cartola – O mundo é um moinho”, e “Minha vida daria um bolero”.

Quando o recebi no nosso Instituto da Urca para a primeira exibição em telão do documentário francês sobre Nana Caymmi (sua admiração) fiz-lhe uma surpresa à porta do elevador. Mas, antes, retrocedo ao ano 2000, quando ele foi assistir a dois espetáculos memoriais que criei, “Os Cantores de Chuveiro” (grupo de amigos, estrelas em suas profissões liberais, mas cantores amadores, que se apresentavam como estivessem no auditório da antiga Rádio Nacional, com jingles cantados pela primeira vez em cena no Brasil), e, logo a seguir, a volta das históricas Cantoras do Rádio dos anos 1940-60, com roupas de época e demais detalhes, ambos produzidos por Claudio Magnavita, editor hoje do *Correio da Manhã*.

No camarim do Teatro Jovem, depois do show, Xexéo e eu cantarolávamos os velhos jingles, enquanto eu me surpreendia com a memória e o conhecimento dele sobre o assunto, exibindo com fartura a cultura enciclopédica tão marcante em seu vasto acúmulo de conhecimentos. Ao recebê-lo na Urca, fiz uma sonoplastia para alertá-lo na porta... Pam pam pam. E cantarolei – “Quem bate? É o friiiiioooo/Não adianta bater/ Eu não deixo você entrar/ As Casas Pernambucanas/ É que vão aquecer o seu lar...” – Xexéo em cima replicou – “Se a lâmpada apagar, não adianta reclamar, nem bater os pés/O que resolve/ É ter logo lâmpadas GE...”

A meu ver, Xexéo teve como antecessor direto no estilo e na refinada ironia ácida o cronista Sérgio Porto, o Stanislaw Ponte Preta. Várias foram as conexões que os ligariam, como os personagens imaginários, Dona Candoca, a noveleira, e Tia Zulmira, a sábia matriarca do Sérgio. Além dos concursos criados de pura gozação, as Certinhas do Lalau, faceando-se com Os Malas do Ano (em que Xexéo fustigava políticos e artistas, tal como Stanislaw). Outro concurso “xexeano” delicioso foi o Prêmio Zum Zum do Besouro (referência à música “Açaí” de Djavan, para apontar músicas com letras herméticas). Sua obra literária em livros conta com um best-seller, *Hebe, a Biografia*. E ainda *Liberdade de Expressão*, com Carlos Heitor Cony e H. Barbeiro, além de um hoje clássico da crônica futebolística, juntando textos escritos nas quatro Copas do Mundo a que ele compareceu não como conhecedor de futebol, mas como observador do cotidiano. Ali ele transcreve pequenas originalidades que seu olhar agudo captava dentro do campo e, sobretudo, longe dos refletores, abordando minúcias tanto de jogadores quanto de torcedores, com ironia ou por vezes comiseração.

Tricolor de coração, mais silencioso que barulhento, Xexéo acalentou uma admiração fervorosa, o goleiro Castilho. Por que Castilho? Perguntei-lhe como tricolor que sou. Em cima a resposta: “Por que você gosta tanto do Pixinguinha? São paixões e paixões não se explicam.” Como ninguém poderá dimensionar e explicar a falta que Artur Xexéo nos fará. E o muito que ainda teria a nos legar, como a cinebiografia de Bibi (em preparação com Falabella).

Órfãos estamos todos de um cronista e homem de cultura irresistível, sem falar nos seus 17 leitores, nas fitas-bananas, nas novelas. Noveleiros, contudo, consolados pela leitura do charmosíssimo *Janete Clair – A Usineira de Sonhos*.

Até um dia, Xexéo!

*Ricardo Cravo Albin é membro da Academia Carioca de Letras.

Toda teoRIA
tem um LaDO
PRático.
ESTáGIO
o lado prático de toda teoria.

Estudante, o CIEE oferece diversas oportunidades para você aprimorar os seus conhecimentos e colocá-los em prática.

Conheça alguns serviços ofertados:

- ▶ PROGRAMAS DE ESTÁGIO
- ▶ PROGRAMAS DE APRENDIZAGEM
- ▶ WORKSHOPS E PALESTRAS
- ▶ CURSOS GRATUITOS (em nosso site)

FAÇA AGORA O SEU CADASTRO !

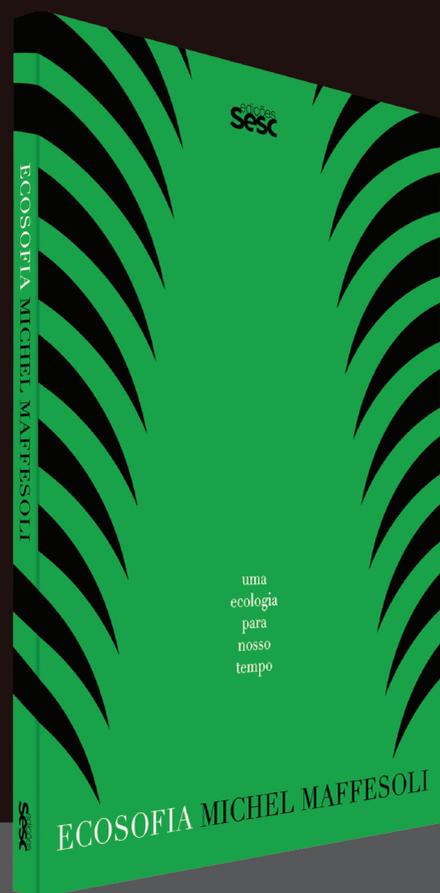
INFORMAÇÕES:
Disque Estudante
(21) 3535-4545



Cadastre-se através do site www.ciee.org.br



LANÇAMENTOS



ECOSOFIA uma ecologia para nosso tempo

Michel Maffesoli

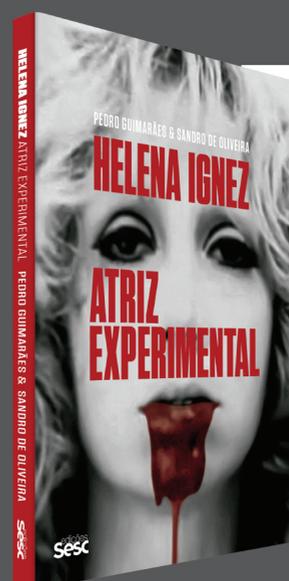
Obra expõe a necessidade da construção de uma nova condição habitativa na terra-mãe. A partir do desenvolvimento e cultivo da sensibilidade ecosófica, é possível restabelecer os vínculos entre o homem e a natureza, o corpo e o meio, ultrapassando o racionalismo e garantindo a sobrevivência humana na Terra.



UMA HISTÓRIA DAS SEXUALIDADES

Sylvie Steinberg (org.)

A sexualidade é plural. Com pesquisa rigorosa e linguagem acessível, o livro entrelaça representações, práticas, fantasias e opressões vinculadas ao corpo e ao desejo, evidenciando o papel da sexualidade como um fato social incontornável para o entendimento das relações com o prazer.



HELENA IGNEZ, ATRIZ EXPERIMENTAL

**Pedro Maciel Guimarães
e Sandro de Oliveira**

Uma ode à trajetória e ao processo criativo experimental da atriz e cineasta brasileira Helena Ignez, que atuou no Cinema Novo, com Glauber Rocha, e se tornou ícone do Cinema Marginal brasileiro, ao lado de diretores como Júlio Bressane e Rogério Sganzerla.